Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sexta-feira 16.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 729 / € 1,80 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

EDUCAÇÃO FALTA DE RECURSOS, EDIFÍCIOS DETERIORADOS. NOVO ANO LETIVO, VELHAS DIFICULDADES

ESCOLAS Professores, diretores e especialistas anteveem as mesmas dificuldades de anos anteriores para 2024/2025. Destacam a falta de recursos humanos (pessoal docente e não--docente), a carência de meios informáticos e a deterioração dos edifícios escolares. PÁGS. 4-5

NEEMIAS QUETA

"PARA O ADEPTO, A NBA É ESPETÁCULO. MAS EU NÃO ESTOU LÁ PARA DAR ESPETÁCULO, ESTOU LÁ PARA GANHAR" PÁGS. 20-21

Primeiro português Campeão da NBA, o basquetebolista dos Boston Celtics, de férias em Portugal, deu uma entrevista ao Diário de Notícias enquanto passeava na cidade de Lisboa.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

MPOX "OMS APRENDEU COM COVID E JÁ ESTÁ A PEDIR AJUDA PARA TRAVAR SURTO" PÁG. 12

100º ANIVERSÁRIO FRANCISCO JOSÉ, O ÚLTIMO CANTOR ROMÂNTICO PÁGS. 24-25

Pontal
"Populismo", "falta de visão" e "discursos de campanha". As críticas aos anúncios de Montenegro PÁGS. 6-7

Entrevista a Joel K. Goldstein
"É um erro dizer que a escolha para vice-presidente não faz diferença nos EUA" PÁGS. 16-17

Turismo
Apesar da seca, golfe tem impacto de 4 mil milhões na economia PÁG. 15

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT
CARLA CHAMBEL ATRIZ
"SE PUDESSE SER INVISÍVEL, BELISCARIA O RABO A TODOS AQUELES QUE ATIRAM BEATAS PARA O CHÃO" PÁG. 14

HOJE GRÁTIS

Até ver...

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

O Chega e as delicadas porcelanas da democracia

O chamado crime de discurso de ódio consiste na conduta punível de alguém que, através de meio de divulgação pública, provoque ou incite a prática de atos de violência, difamação, injúria, ou ameaça a pessoas ou grupos de pessoas, nomeadamente em razão da sua etnia, nacionalidade, religião, género, orientação sexual ou deficiência. Está previsto no n.º 2 do artigo 240.º do Código Penal e é punido com pena de prisão de 6 meses a 5 anos.

A criminalização não afeta situações que decorram em privado. De acordo com a legislação em vigor, "exige que a conduta punível se realize no espaço público e envolva qualquer meio destinado a divulgação, o que supõe o uso do discurso verbal, o panfleto, a grafitagem, a afixação de cartazes, a utilização da imprensa e de sítios *Web*, bem como a colocação de mensagens na internet fora do âmbito de grupos fechados".

É ainda exigível que "o uso dos meios de divulgação destinados a fazer a apologia ou a negação de crimes contra a paz e a humanidade tenham um efeito ou resultado discriminatório concreto, traduzido na provocação de atos de violência, na prática dos crimes de injúria ou difamação, na ameaça e no incitamento à violência ou ódio contra "pessoa ou grupo de pessoas" com as características acima descritas.

Quando convoca uma manifestação "contra a imigração descontrolada e a insegurança nas ruas", André Ventura, que conhece bem esta lei, sabe que nada neste anúncio a contesta. Afinal, quem não é contra a "imigração descontrolada"? O Governo até apresentou há pouco mais de um mês um Plano de Ação para as Migrações, através do qual está a tentar corrigir a dramática herança que recebeu, resultado de políticas públicas que atiraram para as ruas milhares de imigrantes desprotegidos, explorados e desumanizados. Vem fora de tempo, portanto, reclamar contra a "imigração descontrolada".

A não ser que haja outras intenções. Até porque colocar no mesmo panfleto "imigração" e "insegurança" é tudo menos inocente. Porque os partidário do Chega também não desconhecem que tipo de gente atrai este género de convocatórias (recordo as manifestações anti-imigração organizadas pelo grupo de extrema-direita 1143 que aconteceram em Lisboa, a 3 de fevereiro, e no Porto, a 6 de abril). Não apenas os que se assumem declaradamente, não contra a imigração descontrolada, mas contra os imigrantes em geral, difundindo notícias falsas e incentivando ao ódio contra estes, como assinalou o JN, numa reportagem do passado dia 12 de agosto; mas também os que, certamente, já estão a pensar em contramanifestações. Aliás, do ponto vista da segurança, agrava o risco de violência sempre que há contra-manifestações.

O direito de manifestação e a liberdade de expressão são pilares da democracia. Dentro dos limites descritos no início deste texto. O Tribunal Europeu de Direitos Humanos já deixou claro que as autoridades só devem intervir quando a violência ocorre e na medida do estritamente necessário para a controlar.

A interpretação é exigente para as forças de segurança que devem garantir estes direitos e, ao mesmo tempo, assegurar que a lei não é pisada. Implica que sejam mobilizadas e atuem mal seja preciso e apenas na medida do estritamente necessário, identificando quem faça apologia do ódio e em caso de violência. Sendo que violência numa manifestação não é o mesmo que uma manifestação violenta, não podendo, por isso, ser proibida mesmo havendo suspeitas dessa intenção.

São as delicadas porcelanas da democracia. De uma beleza enorme, tão grande, que têm de ser protegidas.

E isso também exige que da parte dos polícias não pese qualquer dúvida sobre a sua isenção na forma de lidar com extremismos, que cada vez mais estão na ordem do dia por toda a Europa.

Numa entrevista que deu ao DN / TSF, a ministra da Administração Interna, juíza-conselheira jubilada Margarida Blasco, mostrou-se intransigente com "movimentos radicais" nas forças de segurança e prometeu "tolerância zero" para com todos os que não sigam com imparcialidade a missão de garantir a ordem pública e combater a criminalidade – incluindo os crimes de ódio.

Esta semana, na sequência da reportagem já referida, segundo a qual haverá polícias ligados ao grupo 1143, do neonazi Mário Machado, a governante ordenou de imediato a abertura de um inquérito "em toda a sua extensão e profundidade, para apurar as eventuais responsabilidades disciplinares" dos elementos das forças de segurança alegadamente ligados ao grupo de extrema-direita". É um bom princípio.

OS NÚMEROS DO DIA

130

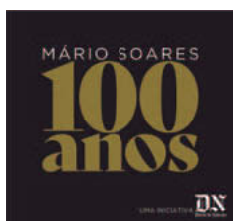
MORTOS POR DIA EM GAZA
é a média contabilizada nos últimos dez meses, totalizando os 40 mil mortos ontem anunciados, um "marco sombrio para todo o mundo", lamentou o alto-comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Turk.

MORTOS
e mais de 112 mil famílias afetadas é o primeiro balanço das chuvas torrenciais que assolam o Sudão há dois meses em 22 localidades em sete estados daquele país africano, adiantaram ontem fontes oficiais.

548

VÍTIMAS MORTAIS DE MPOX
foram registadas na República Democrática do Congo (RDC) desde o início do ano e a epidemia afeta agora todas as províncias, anunciou ontem o ministro da Saúde, Samuel-Roger Kamba.

4

JOGADORES
online em cada 10 utiliza plataformas ilegais, conclui um estudo da Associação Portuguesa de Apostas e Jogos Online (APAJO), e que a maioria que faz apostas não o sabe, foi ontem divulgado.

16.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PUBLICIDADE

EDUCAÇÃO

Novo ano letivo traz os mesmos problemas dos anteriores

ESCOLAS Professores, diretores e especialistas anteveem as mesmas dificuldades para o ano 2024/2025. A destacar: falta de recursos humanos (pessoal docente e não-docente), carência de meios informáticos e deterioração dos edifícios escolares.

Falta de obras nas escolas é um dos problemas que se arrastam.

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

A cerca de um mês do arranque do novo ano letivo, professores, diretores e especialistas educativos não estão otimistas sobre grandes melhorias, prevendo os mesmos problemas dos anos anteriores. As medidas anunciadas pelo Ministério da Educação (ME), para fazer face à escassez de professores, não convencem, as escolas continuam a não ter computadores suficientes e uma rede *Wi-Fi* eficaz e as prometidas obras de requalificação ainda não arrancaram em escolas consideradas de intervenção "muito urgente".

Cristina Mota, porta-voz do movimento Missão Escola Pública, alerta para a falta de professores que, acredita, irá continuar a fazer-se sentir nas escolas, recordando o objetivo do Governo de reduzir a falta de docentes em 90% até dezembro.

"Diz-nos a experiência e o nosso conhecimento da realidade que problemas estruturais, de pelo menos uma década, não se resolvem em meses. Por muito comprometido que o novo ministro da Educação pareça estar com a resolução dos problemas, o Plano [+Aulas + Sucesso] que apresenta é insuficiente. Ainda que a projeção tenha o mês de dezembro como objetivo, até essa data teremos, certamente, centenas de professores a reformarem-se sem que outros entrem no sistema", explica.

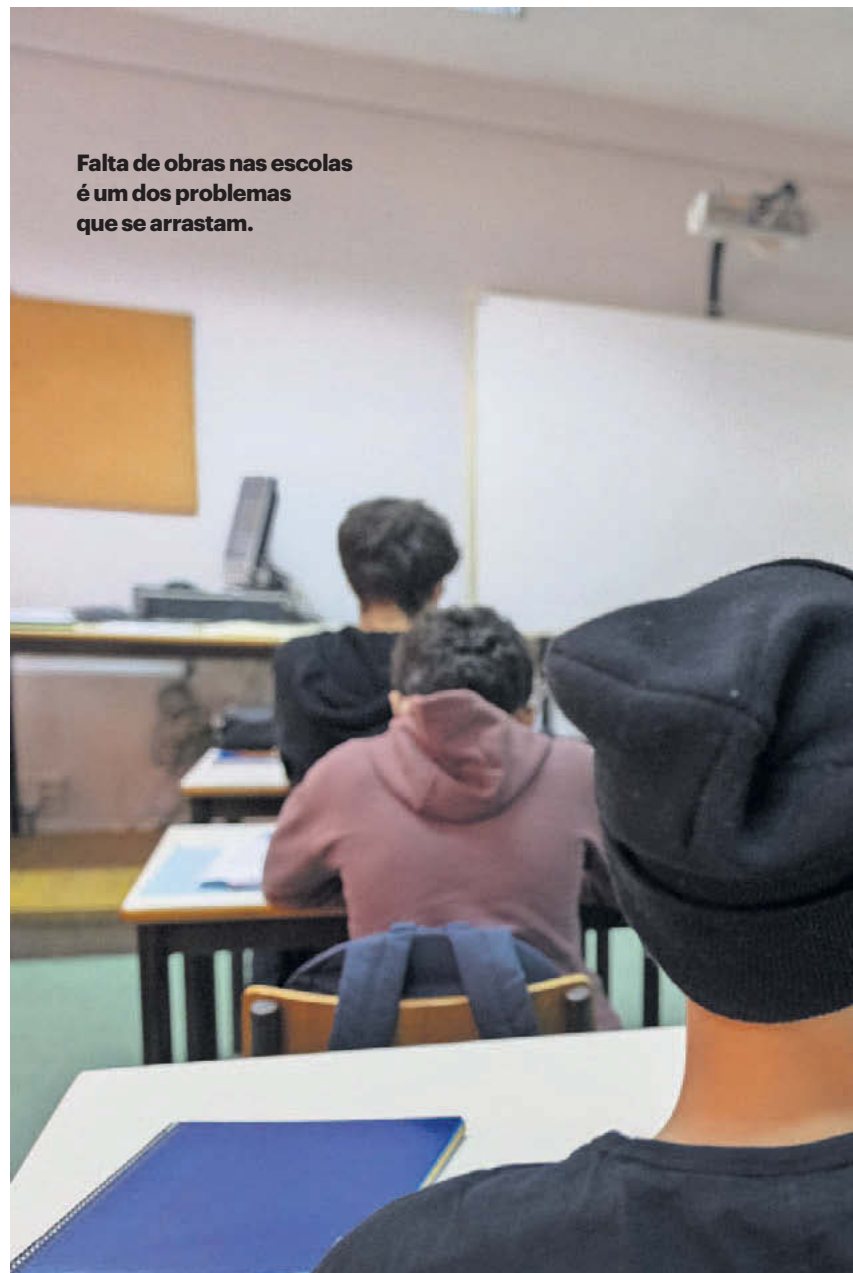
Paulo Guinote, professor de História e Geografia de Portugal (HGP), de 2º ciclo, fala numa meta de redução de alunos sem aulas "irrealista", apenas possível "se estivermos a falar no primeiro dia de aulas, quando muitos horários ainda estão atribuídos em termos nominais, embora sem docente em condições para assegurá-los".

"Foi isso que aconteceu no ano passado, quando o anterior ministro anunciou um valor absolutamente irrealista de horários atribuídos. Sei que deve existir sempre uma atitude positiva em relação aos problemas, mas a realidade é que a verdadeira prova de tudo irá acontecer ao fim de 2-3 semanas de aulas", adianta.

> *"Algumas destas medidas são do domínio quase do pensamento mágico, em especial em relação às zonas de maiores carências, como a Grande Lisboa ou o Algarve. Faltam os incentivos para quem tem de deslocar-se centenas de quilómetros e arranjar alojamento."*
> **Paulo Guinote**
> Professor do 2.º ciclo

O docente considera o contexto atual muito complicado, pelo que "quaisquer medidas parecem insuficientes para colmatar as falhas que se foram acumulando". "Algumas destas medidas são do domínio quase do pensamento mágico, em especial em relação às zonas de maiores carências, como a Grande Lisboa ou o Algarve. As principais medidas em falta seriam os incentivos para quem é obrigado a deslocar-se centenas de quilómetros e arranjar alojamento. E, no caso dos contratados, garantir horário completo a quem substituir docente que tenha esse tipo de horário, mesmo que com redução da componente letiva, de modo a reduzir a possibilidade dos 'horários compostos'", defende.

Luís Sottomaior Braga, professor e especialista em Gestão e Administração Escolar, partilha a mesma opinião. E sublinha: "Quem saiu da profissão, por reforma ou abandono, não quer voltar, mesmo com incentivos financeiros".

Para Filinto Lima, presidente da Associação Nacional de Diretores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), a meta de redução anunciada pelo ME é "muito ambiciosa" e "dependente do grau de adesão dos professores".

"As 15 medidas anunciadas pelo Pano +Aulas + Sucesso dirigem-se a professores dos quadros, aposentados, imigrantes, bolseiros, a jovens que pretendam ingressar em Ciências da Educação e trilhar a carreira docente. Contudo, teremos de aguardar o arranque do ano letivo e perceber se há ou não adesão às mesmas", refere.

Filinto Lima lamenta a não implementação de medidas como apoios na deslocação e alojamento dos professores deslocados, algo que seria eficaz para combater a falta de professores em zonas mais críticas (Lisboa e Algarve).

"Veremos mais alunos nas salas aconchegados com mantinhas"

Anunciadas em 2023 pelo Governo de António Costa, as prometidas obras em 451 escolas públicas (até 2030) tardam em arrancar. Estão previstas 32 intervenções "muito urgentes", 104 "urgentes" e 315 "prioritárias", num investimento que deverá rondar os dois mil milhões de euros, em parte financiado por fundos europeus, mas os diretores escolares não preveem que aconteçam em breve.

Filinto Lima diz tratar-se de "um processo concursal (administrativo) imensamente moroso, ao contrário da obra em si, que é mais rápida e demora menos tempo".

"Não é previsível que os alunos que frequentam escolas a necessitar de obras tenham um ano letivo descansado, e isso é muito injusto, pois a qualidade das instalações interfere diretamente no aproveitamento e aprendizagem. Infelizmente, veremos mais fotos de alunos dentro das salas de aula aconchegados com mantinhas para combater o desconforto do frio e de outros constrangimentos", lamenta.

CARLOS CARNEIRO / GLOBAL IMAGENS

Cristina Mota também mostra preocupação pela falta de obras nas escolas, que "deveriam ter ocorrido logo após o término das aulas, de modo a não causarem constrangimentos e de forma a acautelarem o próximo inverno".

"Há escolas sem qualquer intervenção desde a sua construção, muitas com 40 anos. Ainda que tenham lugar durante o mês de agosto, serão intervenções que funcionarão como remendos em botas que precisam de meias-solas. No entanto, tem de se começar por algum lado, por isso comece-se", pede.

Paulo Guinote sublinha não ser possível resolver os problemas do edificado "num mês ou num período" e também relembra haver escolas onde a falta de obras se arrasta há décadas. "Dou o exemplo da minha própria escola, na qual os alunos não têm pavilhão desportivo, sendo obrigados a sair do recinto escolar para usar um pavilhão exterior. Há décadas que a situação se arrasta. Do mesmo modo, a climatização de centenas de escolas é profundamente insuficiente", adianta.

Escolas ainda com amianto

A Escola Eugénio de Andrade, no Porto, é uma das que esperam há dezenas de anos por melhores dias. Listada como um dos estabelecimentos de intervenção "muito urgente", continua a sofrer com a degradação do edifício e conta com zonas onde ainda há amianto (no polidesportivo e nas coberturas exteriores de acesso às salas de aula).

Emídio Isaías, diretor do Agrupamento de Escolas Eugénio de Andrade, diz não entender "a razão que leva o Governo a não assinar o contrato com a autarquia para financiamento da reabilitação desta escola, pois ela faz parte da lista das 32 escolas que foram identificadas como de intervenção muito urgente".

"Enquanto não forem transferidas para a autarquia as verbas assumidas pelo Governo para requalificar a escola, os problemas sentidos ao longo dos últimos anos vão agravar-se, pois a degradação das infraestruturas e do edificado também se vai agravando com o passar do tempo. Não vão ser as pequenas reparações e a conservação/manutenção, que neste momento é possível realizar pela autarquia, que vão alterar as condições que esta comunidade escolar infelizmente enfrenta todos os dias e que interferem de forma inequívoca na qualidade do ensino-aprendizagem e no sucesso que desejamos para todos os nossos alunos", explica.

O inverno passado ficou marcado por "muito frio nas salas de aula, infiltrações de água, humidade, questões relacionadas com a rede de internet, problemas com eletricidade". Segundo o responsável, o cenário irá repetir-se. Pede, por isso, uma intervenção célere, identificando "o pavimento do pavilhão gimnodesportivo e a cobertura do polivalente no edifício principal", como obras mais urgentes.

A Associação de Pais do Agrupamento de Escolas Eugénio de Andrade faz o mesmo pedido e diz estar em causa a segurança de alunos, professores e pessoal não-docente. "A chuva trouxe diversos obstáculos, pois entrou em vários espaços do edificado da escola, como o polivalente, o ginásio e algumas salas, mas também a deterioração do piso exterior, já por si em muito mau estado. Estas situações colocam em risco todos aqueles que circulam e permanecem no recinto escolar", avança a associação de pais ao DN. Os pais garantem que "outras dificuldades se vão manter se nada for feito, quer a nível do edificado, quer a nível de recursos humanos, nomeadamente o número de assistentes operacionais".

Ainda há alunos sem o *kit* digital

A carência de meios informáticos e a rede de *Wi-Fi* "fraca" também estão na lista de preocupações de diretores e professores, que temem constrangimentos ao longo do ano e aquando da realização de provas e exames digitais. Filinto Lima diz ainda haver alunos sem o *kit* digital, embora seja "expectável que todos os discentes, até ao dia 12 de setembro, tenham à sua disposição, o material informático".

O diretor da ANDAEP pede intervenção urgente na rede *Wi-Fi* e no material digital. "Em algumas escolas, a rede é fraca, necessitando de ser fiável. Apesar das boas intenções em ambas as situações, até ao momento a evolução é quase nula. É urgente dotar as escolas de uma rede *Wi-Fi* fiável e dotar todos os alunos de material digital", sustenta.

Uma preocupação acrescida num ano em que as provas de 9º ano serão feitas, pela primeira vez, em formato digital. Algo que deveria ter acontecido este ano letivo, tendo o ME voltado atrás na decisão do anterior Executivo por considerar não estarem reunidas as condições necessárias para a sua realização.

Cristina Mota prevê ainda mais constrangimentos comparativamente ao ano anterior, pois, conta, o Movimento Missão Escola Pública não tem conhecimento "de quaisquer melhorias neste sentido". "Não há recrutamento de técnicos especializados, nem de meios físicos para a solução, a curto prazo, deste problema. Acreditamos que poderá ser ainda pior este ano. Muitos *hotspots* perderam contrato e muitos equipamentos ficaram estragados. Além disso, não é o orçamento dado às escolas para comprar novos equipamentos que vai resolver a não-existência de quem repare quando as coisas avariam", explica.

A porta-voz do movimento lembra que a disciplina de Informática "é uma das que mais carências já revelou, ainda que tenham sido atribuídas horas extraordinárias aos colegas". "Das duas uma, ou essas horas são para repararem computadores, ou são para fazer face às turmas sem professor. Neste aspeto, é imprescindível que as escolas contratem técnicos para resolverem as avarias dos equipamentos", sublinha.

Paulo Guinote faz o mesmo apelo, lembrando que "uma escola digital a sério implica um investimento elevado e permanente que não se esgota na aquisição de equipamentos *low cost* que rapidamente se revelam inadequados". Já Luís Sottomaior Braga não tem dúvidas da continuação dos problemas informáticos, até porque "há computadores em uso com mais de 12 anos".

Recorde de aposentações

O novo ano letivo vai arrancar com o número mais alto de sempre de aposentações num único mês. São 460 os professores que, em setembro, se aposentam e saem, assim, do Sistema de Ensino. A estes já se juntaram 2295 professores reformados este ano. No total, desde janeiro, são 2757. O ano passado registou o número mais alto de aposentações da última década, com 3500 saídas, mas 2024 deverá chegar a cerca de 5000. Essas saídas tornam urgente, defende Cristina Mota, atrair jovens para a carreira "com atualizações salariais, reforço da autonomia e da autoridade dos professores". "Só com salários dignos de uma profissão tão importante poderá fazer-se com que a sociedade volte a olhar para a carreira docente com um olhar mais positivo", sublinha.

Luís Montenegro discursou pela primeira vez no Pontal como primeiro-ministro.

LUÍS FORRA / LUSA

Apoio a pensionistas é "penso rápido" que não resolve reformas "muito baixas"

ANÚNCIOS Medidas foram o trunfo de Luís Montenegro no Pontal. Mas as associações criticam a falta de visão estrutural ao não aumentar pensões. Oposição fala em "discurso de campanha".

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

O anúncio foi feito por Luís Montenegro na Festa do Pontal: os reformados vão receber um "suplemento extraordinário", pago em outubro, destinado às pensões mais baixas. Com isto, quem recebe até 509,26 euros terá um apoio de 200 euros; quem tem uma pensão entre 509,26 e 1018,52 receberá menos (150 euros); e para as pensões mais altas (entre 1018,52 e 1527,78) o valor será de 100 euros. Mas isto, entendem as associações de reformados, "não resolve nada", é apenas um "penso rápido" e o necessário é "um aumento das pensões".

À Lusa, Isabel Gomes, presidente da Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos, afirmou que não é isto que os idosos necessitam. "O que precisamos é de um aumento de pensões e o que colocávamos no início deste ano, de 7,5% sobre o valor de dezembro, num mínimo de 70 euros, é o fundamental porque os 100, 150 ou 200 euros de agora" não se vão alargar aos meses seguintes.

Maria do Rosário Gama, da Associação de Aposentados, Pensionistas e Reformados, concorda: esta é "uma situação pontual, não-estrutural", ou seja, "começa e acaba no mesmo mês, paga-se em outubro e já não será paga mais vezes e, portanto, não resolve o problema das pessoas com pensões muito baixas". O preocupante nesta situação "é o facto de não haver um aumento de pensões, que possa fazer com que não haja reformados com pensões abaixo dos 591 euros [o valor que define o limiar de pobreza]".

No entanto, quando anunciou o apoio, o primeiro-ministro (que discursou no Pontal na qualidade de líder do PSD) não excluiu a possibilidade de repetir esta medida no futuro. A sua vontade seria, até, que os valores fossem aplicados de "forma permanente".

> *"Não olhamos para os apoios sociais para ter retorno eleitoral (...). Vamos pagar em outubro um suplemento extraordinário aos pensionistas que têm as pensões mais baixas."*
> **Luís Montenegro**
> *Primeiro-ministro e líder do PSD*

Se "no próximo ano" houver "uma situação financeira igual", serão tomadas decisões "de acordo com essa disponibilidade". Será feito "acompanhando o aumento legal das pensões, com uma gestão equilibrada das contas públicas". A razão para criar este "suplemento extraordinário" não foi, no entanto, anunciada por Luís Montenegro, que garantiu apenas não olhar para "os apoios sociais para ter retorno eleitoral" e reiterou que o PSD não governa para "dar benesses".

Além deste apoio aos pensionistas, o primeiro-ministro anunciou ainda medidas para a ferrovia e para os médicos (*ler na página 7*). Em nenhum dos casos foi divulgada uma estimativa de custos para os cofres do Estado.

Esta medida junta-se a outras três já anunciadas pelo Governo destinadas a "dar maior dignidade" aos idosos: o aumento para 100% da comparticipação dos medicamentos com prescrição médica; a subida do valor do Complemento Solidário para Idosos (CSI) para 600 euros; e a eliminação do critério dos rendimentos dos filhos para a atribuição do CSI.

A estratégia pode ser vista como uma tentativa de recuperação de um eleitorado importante para a AD, mas muito penalizado pelos cortes impostos pelo último Governo PSD, aquando da intervenção da *troika*. Em 2011, todas as pensões acima dos 1500 euros sofreram reduções, com o objetivo de poupar 445 milhões de euros e, em 2012, foram também suspensas as regras de indexação de pensões, exceto para as mais reduzidas.

Em 2014, depois de vários cortes, houve mais redução sobre pensões acima dos mil euros.

Perante o anúncio do Pontal, a oposição deixou críticas. O líder do PS, Pedro Nuno Santos assinalou que as mexidas nas pensões "não são um aumento, mas sim um suplemento", afirmando que "não é preciso acompanhar a política para perceber o que está por trás de uma medida". No passado, o PS fez algo semelhante, mas num contexto de "carga inflacionária", disse Pedro Nuno. "Se quisessem resolver os problemas estruturais dos mais velhos, faziam um aumento permanente", apontou.

Já o Chega, pela voz da deputada Patrícia Carvalho, viu nas palavras de Montenegro muito pouca ambição, num discurso "que mais parecia de campanha eleitoral". "O primeiro-ministro continua sem reconhecer a sua responsabilidade naquilo que é a instabilidade política que vivemos", apontou.

Mariana Leitão, líder parlamentar da IL, disse que "seria importante que houvesse medidas para a Saúde".

À esquerda, Fabian Figueiredo (BE) referiu que o "Governo ignora os problemas do país" e que Montenegro está "deslumbrado por si próprio".

Jorge Pinto, do Livre, apontou que o Governo faz "grandes anúncios e muito pompa". Mas falha "na resposta aos problemas concretos" do país, como no setor da Saúde, que "está muito pior hoje" do que antes da tomada de posse do Executivo.

Ordem dos Médicos acusa Governo de "populismo"

"Vamos fazer mais escolas de medicina em hospitais que, tendo um corpo docente, vão dar mais possibilidades dos novos médicos poderem progredir no conhecimento e na sua carreira", anunciou o primeiro-ministro, na passada quarta-feira, na *rentrée* política do PSD. Foi a primeira de três medidas que o Governo liderado por Luís Montenegro avançará, para "pensar estratégica e estruturalmente" o "futuro de Portugal", justificou. No entanto, avolumaram-se as críticas por parte dos médicos.

Em entrevista à Lusa, o bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, afirmou que o problema em Portugal não é a falta de médicos, mas o facto de estes não estarem no Serviço Nacional de Saúde (SNS). "Em vez de desviarmos as atenções com medidas de algum populismo, mas irrealistas para este momento, devemos concentrar-nos no SNS e na sua capacidade para atrair recursos humanos agora", criticou, acrescentando que "o país, neste momento, não tem um problema em estudantes ou diplomados em Medicina. O país tem um problema no SNS". "Este aumento devvagasve a criação de novas faculdades só vai ter médicos especialistas capazes de integrar o SNS daqui a 15 anos", advertiu o bastonário.

Uma posição semelhante foi defendida pelo vice-presidente da Federação Nacional de Médicos, João Proença. Em declarações à Renascença, sustentou que a prioridade deveria ser a valorização das "carreiras, os salários e as condições de trabalho" dos médicos.

Também a presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina, Rita Ribeiro, à Renascença, criticou Montenegro, considerando que esta medida "em nada resolve os problemas atuais do SNS. Por outro lado, poderá prejudicar alguma da qualidade formativa das escolas médicas existentes, por uma eventual necessidade de migração de docentes ou mesmo de sobrecarga dos hospitais", asseverou. **V.M.C.**

Passes ferroviários já estavam previstos no OE

O primeiro-ministro anunciou "a criação de um passe ferroviário que tem um custo de 20 euros mensais e dará a possibilidade de acesso, durante um mês, a todos os comboios urbanos, a todos os comboios regionais, a todos os comboios inter-regionais e também à rede do intercidades", uma medida que está em vigor, mas com um custo de 49 euros e que, de acordo com a página da CP – Comboios de Portugal, não inclui "Alfa Pendular, Intercidades, Inter-regional, internacional e urbanos do Porto, Lisboa e de Coimbra". A atualização prevista pelo Governo prevê um alargamento do âmbito do passe e uma redução de 29 euros.

Esta medida, ainda sem estas duas alterações, chegou à discussão em torno do Orçamento do Estado para 2023, por proposta do Livre, tendo encontrado continuidade em 2024, mas não totalmente como é agora apresentada pelo Governo.

"O Passe Ferroviário Nacional já é uma realidade por causa do Livre e o seu alargamento já devia ter sido feito há meses", criticou o deputado do Livre Paulo Muacho na rede social X, salientando que "Luís Montenegro acaba de apresentar uma das medidas que " o partido já tinha inscrito nas contas públicas, mas desta vez como "como se fosse uma ideia do Governo".

Com o argumento de que "isto não é uma benesse, é um investimento nas pessoas, é um investimento no ambiente, é um investimento no futuro", o chefe do Governo apresentou o passe ferroviário como fazendo parte do plano de "mobilidade verde, que vai facilitar a utilização de meios de transporte que não inflijam problemas ambientais, que sejam, do ponto de vista ambiental, mais sustentáveis, mas ao mesmo tempo que facilitem verdadeiramente a vida dos cidadãos".

Com a promessa de aposta na "alta velocidade ferroviária", Montenegro repetiu, ao longo da sua intervenção, uma ideia: "Nós estamos a construir as bases de uma sociedade mais justa". **V.M.C.**

Opinião
António Capinha

O Governo e a Festa do Pontal. É preciso fazer o que ainda não foi feito!

O título deste artigo não desvaloriza o que o Governo fez até ao momento, desde que foi eleito. O que fez foi bastante, na resolução de problemas sociais resultantes da trágica herança deixada por António Costa, nos seus oito anos de governação. Sim, sabemos que o que foi feito dá trabalho. Professores, militares, polícias, oficiais de Justiça, guardas prisionais. Não desvalorizamos este trabalho de Luís Montenegro na reposição de uma actualidade e justiça social, absolutamente necessárias para trazer a paz à sociedade portuguesa.

Mas a resolução destes problemas não pode ser considerada uma acção estrutural. São actos administrativos da área social, sem dúvida de resolução difícil e envolvidos em tensão negocial, mas estão longe de poderem ser classificados de medidas estruturais, como quis dizer Luís Montenegro na Festa do Pontal.

Na verdade, não é possível exigir muito a um Governo que tem uma duração de quatro meses. Quem conheça, minimamente, o funcionamento de um Governo Central sabe as dificuldades que envolve um processo de negociação salarial, sobretudo estando em causa vários grupos de actores sociais.

Assim, continuamos a ver em Luís Montenegro uma vontade de mudar o país com a introdução de alterações estruturais, mas isso não ficou visível na intervenção que o primeiro-ministro fez em Quarteira.

Não adianta Luís Montenegro seguir a cartilha de Costa, apresentando elementos estatísticos, como fez em relação ao sistema de atendimento da linha telefónica das grávidas. Não vá por aí, dr. Luís Montenegro, não copie os dias negros de Costa quando nos enchia de estatísticas que depois eram contrariadas pela realidade. Para os portugueses interessa pouco se houve um atendimento telefónico a vinte e oito mil grávidas, quando continuam a existir mulheres que têm de fazer duzentos quilómetros para serem assistidas no parto.

A intervenção do primeiro-ministro no Calçadão de Quarteira, foi um balanço de quatro meses de resolução de problemas sociais, mas foi apenas isso.

Para lá disto, ficou a afirmação de uma absoluta necessidade da abertura de mais vagas na formação de novos médicos no sentido de suprir as carências que vão verificar-se nos próximos anos e um aumento extraordinário de pensionistas em Outubro próximo, numa cópia a papel químico do que Costa fez em 2022.

Esperávamos mais desta Festa do Pontal. Esperávamos ouvir o primeiro-ministro falar de demografia, de medidas estruturais para combater a desertificação do interior, de uma acção concertada para reformar o aparelho de Estado e cortar nas "gorduras" que por lá existem. Queríamos ouvir o primeiro-ministro anunciar medidas para a Justiça que fossem muito além de um simples reforço do seu quadro de pessoal.

> **"Continuamos a ver em Luís Montenegro uma vontade de mudar o país com a introdução de alterações estruturais, mas isso não ficou visível na intervenção que o primeiro-ministro fez em Quarteira."**

Gastar dinheiro é fácil! Gostávamos de ter escutado o primeiro-ministro falar de medidas ambientais que fossem muito mais do que a simples criação de um passe mensal para andar nos comboios lentos e envelhecidos da nossa ferrovia. Uma palavra sobre a escola, os programas escolares, a valorização da escola, a importância do ensino no desenvolvimento dos jovens era, também, bem-vinda. Ou da indústria, ou das novas tecnologias, ou ainda de mais e melhores medidas do Executivo para a captação e fixação de empresas internacionais no nosso país.

Ou seja, é preciso que o Governo pense em fazer o que ainda não foi feito. Sim, nós damos o benefício da dúvida. Sim, nós sabemos que ainda só passaram quatro meses. E que ali era a Festa do Pontal e o José Cid estava à espera para o momento musical *pimba*.

E reparámos, também, que a inexistência de qualquer referência do primeiro-ministro ao Orçamento do Estado foi uma maneira hábil de retirar tensão política e dramatismo à futura aprovação, ou não, daquele importante documento. Percebemos! As discussões vão ficar, sobretudo, para o silêncio e o remanso dos gabinetes.

Cumprida mais uma *rentrée* política lá teremos de ficar à espera da Festa do Pontal do próximo ano para sabermos novidades a sério, se ainda tivermos Governo e este tiver decidido, finalmente, fazer o que ainda não foi feito.

Jornalista.
Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.

Opinião
Luís Tavares Bravo

Sem mecanismos de capital e liquidez, não há PRR que acelere

As empresas inovadoras são, na sua essência, de pequena ou média dimensão e com capacidade limitada financeira para se impor. Valem essencialmente pelos seus projetos em setores de enorme potencial e, para os quais, a União Europeia canalizou enormes meios na fase de pós-pandemia, através dos programas *Next Generation EU* e que, em Portugal através do Programa de Recuperação e Resiliência, pode atingir os 20,6 mil milhões de euros, sendo que cerca de metade deste reforço será dirigida à inovação empresarial.

A importância da implementação do PRR para transformar Portugal e criar tecido empresarial na nova geração é crucial, sobretudo para dirigir intervenção estrutural em segmentos cirúrgicos de atuação como a transição climática ou a inovação digital, beneficiando empresas nacionais que queiram posicionar-se como futuros campeões nestes setores e permitir-lhes que possam também criar empregos e uma nova escala de valor para Portugal.

A Europa como um todo mas Portugal em particular são mercados onde não existe uma cultura de capital de risco sofisticada para *startups*. Apesar da cultura de empreendedorismo ter vindo a conquistar mais visibilidade em Portugal – fruto também do mediatismo que algumas iniciativas de peso, como o caso do Websummit vão tendo –, a verdade é que continuam a faltar alguns mecanismos ao nível da capitalização dos projetos que possam espoletar uma verdadeira revolução ao nível da mentalidade empreendedora portuguesa, e soluções que permitam aos pequenos projetos ter melhores condições de liquidez nas fases iniciais da sua vida – a chamada pista de descolagem, ou *runway*.

No âmbito da mentalidade de assumir risco por parte das sociedades de investimento nacionais há uma questão cultural histórica europeia e nacional que tem a ver muito com a lógica da gestão de risco do balanço bancário, e que assenta muito na capacidade mais imediata de geração de fluxos de caixa.

Nos novos setores nem sempre a monetização é imediata, e a assunção do risco dos projetos não pode ser aferida da mesma forma que para setores tradicionais. Não vai ser possível aos investidores acertar em todas as oportunidades, sobretudo em áreas de inovação onde, por vezes, é necessário adaptar o projeto inicial.

Na Europa, e em Portugal necessitamos de melhorar esta cultura, e de ficarmos mais próximos do que vemos nos Estados Unidos, ou até na Ásia.

Por fim, e talvez mais importante, é a necessidade de criar melhores soluções de liquidez imediata para as empresas que já estão dentro de programas e agendas mobilizadoras do PRR. Estas muitas vezes detêm contratos-programa plurianuais, destinados a desenvolver e reter talento humano, mas sofrem na gestão diária, porque a distribuição dos apoios são muitas vezes burocráticas, e detêm atrasos relevantes nos pagamentos dos dinheiros dos incentivos públicos.

As empresas de pequena e média dimensão não têm capacidade de caixa para lidar, numa fase inicial do seu projeto, com a espera. E isso leva a que muitas vezes tenham de ir levantar capital as capitais de risco demasiado cedo – porque são negócios que levam tempo a descolar – ou a assumir endividamentos em condições demasiado desajustadas da sua realidade financeira – que criam um paradoxo: a de termos empresas com milhões atribuídos pelos incentivos públicos, mas estranguladas como se estivessem em insolvência.

A estabilidade de tesouraria é necessária para criar estabilidade de vida nas *startups*. E devemos dar oportunidade aos que não têm fortuna já feita, para que a possam criar e serem um *Bill Gates* ou *Elon Musk* português. O empreendedorismo é afinal de contas, o melhor e mais genuíno elevador social que existe.

Economista. Presidente do Internacional Affairs Network

Opinião
Miguel Romão

A propósito do acesso ao direito e aos tribunais

Se se perguntar ao cidadão comum o que acha sobre a Justiça em Portugal, com forte probabilidade se encontrarão qualificativos como lenta, cara, incompreensível, imprevisível, pensando aquele essencialmente no funcionamento dos tribunais. O sistema de justiça tem de tudo, na verdade. Se se pensar apenas nos Julgados de Paz, muitos dos seus utilizadores dirão possivelmente que é rápido, barato e compreensível. Nessa medida, a Justiça, um dos grandes sistemas públicos, é idêntica à Saúde ou à Educação, em que níveis de serviço muito diferenciados convivem e nem sempre são antecipáveis, no caso concreto, pelo seu utilizador comum.

O acesso ao direito e aos tribunais tem, contudo, uma particularidade: grande parte dos cidadãos e das empresas tem a sua relação com o Sistema de Justiça intermediada por um profissional, que os representa e gere a sua posição perante o sistema e as demais partes. O advogado ou o solicitador.

Os advogados, que são hoje em Portugal mais de 35 mil, ou seja, praticamente o dobro do início do século. E os solicitadores, mais de 4000, precisamente o dobro dos existentes no ano 2000. À semelhança do que sucede também com juízes – um aumento de cerca de 30% – e procuradores – um aumento superior a 50% –, Portugal tem hoje advogados em número muito relevante perante a sua população, número muito superior à média europeia, a mesma realidade que se verifica com o número de magistrados entre nós.

O sistema de acesso ao direito e aos tribunais, ainda comummente designado de Apoio Judiciário, garante que é o Estado a pagar os honorários de advogados e a isentar de taxas quem tenha um rendimento inferior a um dado valor, por uma tabela predeterminada, uma decisão da Segurança Social. Neste modelo, os advogados que prestam este serviço fazem-no voluntariamente, por inscrição junto da Ordem dos Advogados e esta atribui um advogado a quem dele necessite. A Segurança Social atribui o estatuto, o Ministério da Justiça paga os honorários.

A Ordem dos Advogados, há demasiado tempo erigida em instância sindical de trabalhadores independentes, veio agora propor que estes fizessem "greve" a este trabalho a partir de setembro, por considerar baixos os valores pagos pelo Estado associados a esta prestação. E podem sê-lo, eventualmente. Tal como pode esta até não assumir sempre as características de dever profissional e qualidade que lhe deveriam estar associadas. Quem sabe disso? Quem o avalia? Quem quer saber? Ninguém, na verdade...

Para além de eventuais reclamações dos próprios representados, sempre em situação de maior fragilidade, dirigidas à Ordem dos Advogados, o Estado, que atribui esse direito e o paga, exime-se de avaliar o modo como este é correspondido. Se bem que, em teoria, fá-lo-á através da Ordem dos Advogados, que, já agora, é uma associação pública a quem cabe representar por delegação o interesse público e não o interesse particular dos advogados.

Os contribuintes pagam cerca de 50 a 60 milhões de euros por ano de apoio judiciário, de acordo com os valores dos últimos anos, valor, em boa parte, atribuído aos mais de 13 mil advogados inscritos no sistema de acesso ao direito e aos tribunais. Este valor não pode ser uma esmola, mas não pode ser também um rendimento mínimo garantido para ninguém. 60 milhões a dividir, por exemplo, por 50 euros/hora, significam 1 milhão e 200 mil horas de trabalho. Esse conteúdo contratado a privados, como o de todas as prestações públicas assumidas por particulares, tem de ser avaliado. A bem de quem dele necessita – e também dos advogados.

Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

A Inteligência Artificial traz uma nova vantagem para os meteorologistas

PREVISÕES Programa de IA num pequeno computador faz, em minutos e segundos, projeções que antes demoravam horas a ser obtidas em supercomputadores do tamanho de uma sala. "Este é um passo realmente empolgante", diz um especialista do Centro Europeu.

TEXTO **WILLIAM J. BROAD**, *THE NEW YORK TIMES*

No início de julho, enquanto o furacão Beryl se agitava nas Caraíbas, uma das principais agências meteorológicas europeias previu uma série de locais de impacto, avisando que o México era o mais provável. O alerta baseou-se em observações globais levadas a cabo por aviões, boias e naves espaciais, que supercomputadores do tamanho de uma sala transformaram em previsões.

Nesse mesmo dia, peritos que utilizavam *software* de Inteligência Artificial num computador muito mais pequeno previram a chegada da tempestade ao Texas. A previsão baseou-se apenas no que a máquina tinha aprendido anteriormente sobre a atmosfera do planeta.

Quatro dias depois, a 8 de julho, o furacão Beryl atingiu o Texas com uma força mortífera, inundando estradas, matando pelo menos 36 pessoas e cortando a eletricidade a milhões de habitantes. Em Houston, os ventos violentos fizeram com que as árvores embatessem nas casas, esmagando pelo menos duas das vítimas.

A previsão do Texas oferece um vislumbre do mundo emergente da previsão meteorológica por IA, no qual um número crescente de máquinas inteligentes está a antecipar os futuros padrões meteorológicos globais com uma nova velocidade e precisão. Neste caso, o programa experimental foi o GraphCast, criado em Londres pela DeepMind, uma empresa da Google. Faz em minutos e segundos o que antes demorava horas.

"Este é um passo realmente empolgante", disse Matthew Chantry, especialista em IA do Centro Europeu de Previsões Meteorológicas a Médio Prazo, a agência que foi ultrapassada na sua previsão sobre o Beryl. Em média, acrescentou, a GraphCast e os seus primos inteligentes podem superar a sua agência na previsão das trajetórias dos furacões.

Em geral, a IA super-rápida pode brilhar na deteção de perigos futuros, aponta Christopher S. Bretherton, professor emérito de Ciências Atmosféricas na Universidade de Washington. Segundo Bretherton, para calores, ventos e aguaceiros traiçoeiros, os avisos habituais estarão "mais atualizados do que até agora", salvando inúmeras vidas.

As previsões meteorológicas rápidas da IA também ajudarão à descoberta científica, refere Amy McGovern, professora de Meteorologia e Ciências Informáticas na Universidade de Oklahoma, que dirige um instituto meteorológico de IA. Segundo ela, os *detetives* do tempo usam agora a IA para criar milhares de variações subtis de previsões que lhes permitem encontrar fatores inesperados que podem conduzir a eventos extremos como os tornados.

"Está a permitir-nos procurar processos fundamentais", diz McGovern. "É uma ferramenta valiosa para descobrir coisas novas."

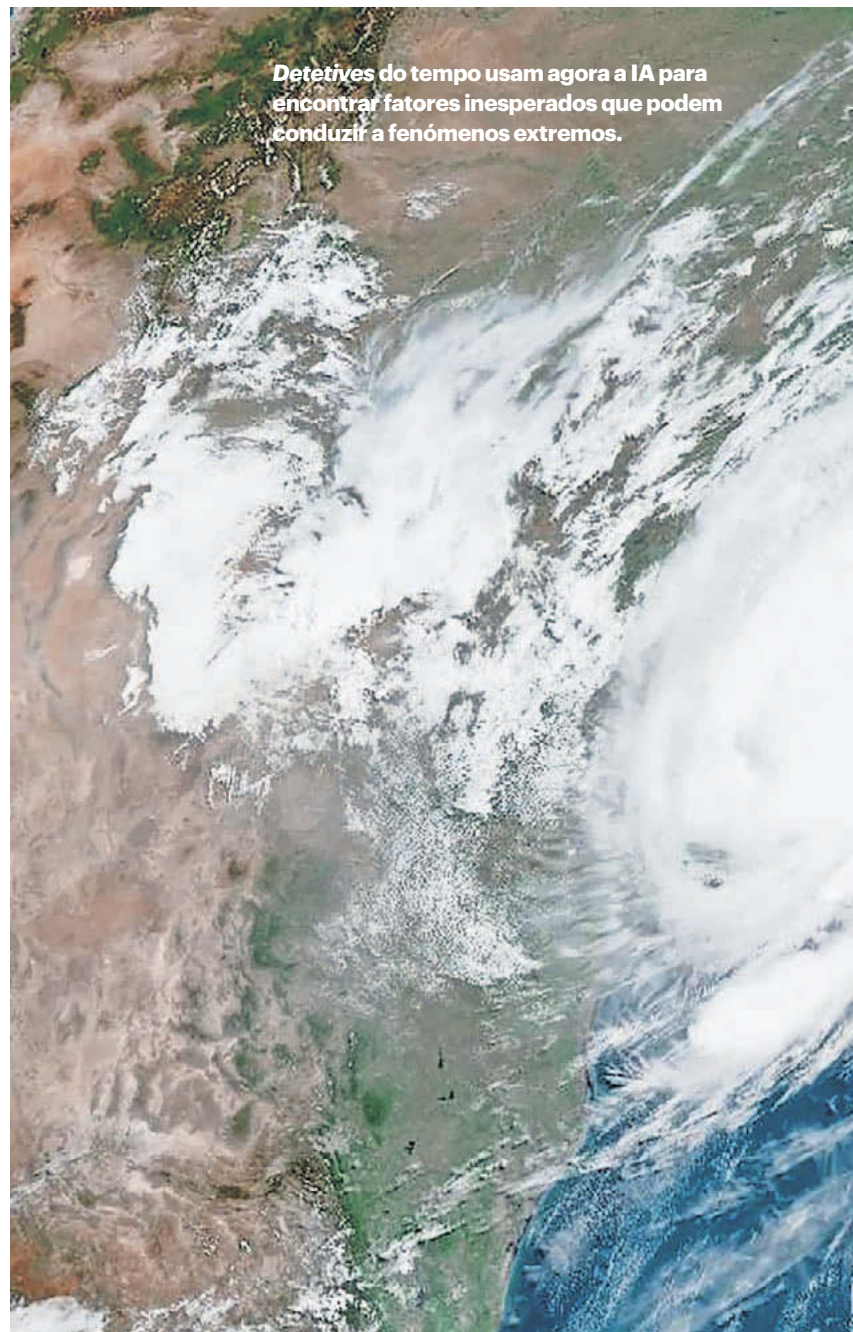
Além disso, os modelos de IA podem ser executados em computadores de secretária, o que torna a tecnologia muito mais fácil de adotar do que os supercomputadores do tamanho de uma sala que atualmente dominam o mundo das previsões globais.

"É um ponto de viragem", reconhece Maria Molina, uma meteorologista investigadora da Universidade de Maryland que estuda programas de IA para a previsão de eventos extremos. "Não é necessário um supercomputador para gerar uma previsão. Podemos fazê-lo no nosso portátil, o que torna a ciência mais acessível."

A complexidade de fatores

As pessoas dependem de previsões meteorológicas exatas para tomarem decisões sobre coisas como a forma de vestir, para onde viajar e se devem ou não fugir de uma tempestade.

Mesmo assim, as previsões meteorológicas fiáveis revelam-se extraordinariamente difíceis de obter. O problema é a complexidade. Os astrónomos podem prever as trajetórias dos planetas do Sistema Solar durante séculos, porque um único fator domina os seus movimentos – o Sol e a sua imensa força gravitacional.

Por oposição, os padrões climáticos na Terra resultam de uma profusão de fatores. As inclinações, as rotações, as oscilações e os ciclos dia-noite do planeta transformam a atmosfera em turbulentas espirais de ventos, chuvas, nuvens, temperaturas e pressões atmosféricas. Pior ainda, a atmosfera é inerentemente caótica. Por si só, sem qualquer estímulo externo, uma zona pode passar rapidamente de estável a caprichosa.

Detetives do tempo usam agora a IA para encontrar fatores inesperados que podem conduzir a fenómenos extremos.

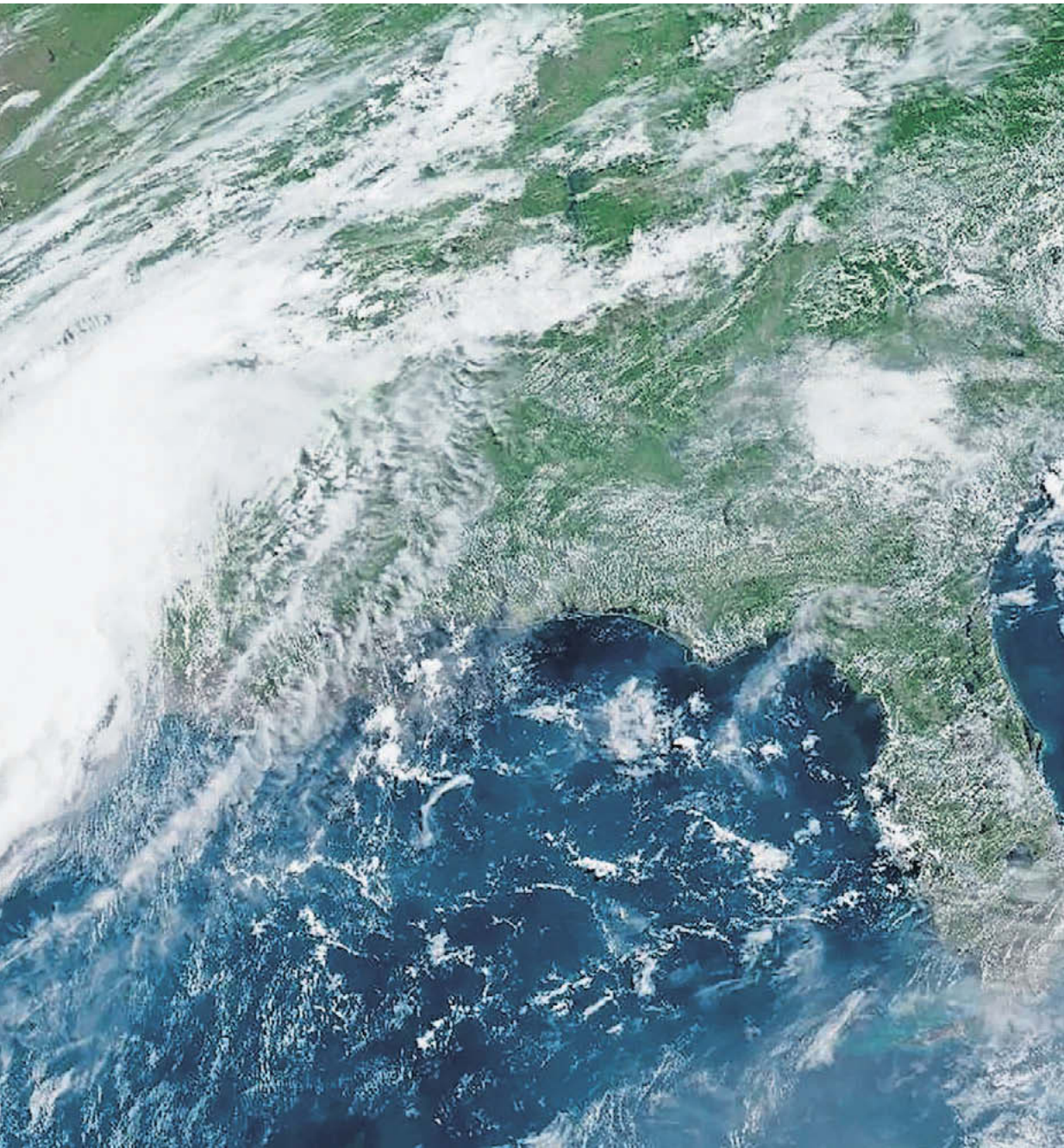
Consequentemente, as previsões podem falhar ao fim de alguns dias, ou mesmo ao fim de algumas horas. Os erros aumentam à medida que alarga a duração da previsão – que atualmente pode prolongar-se por 10 dias, contra três dias há algumas décadas. As melhorias lentas resultam de atualizações das observações globais, bem como dos supercomputadores que fazem as previsões.

Não que a supercomputação tenha sido fácil. Os preparativos exigem perícia e trabalho. Os modeladores constroem um planeta virtual atravessado por milhões de vazios de dados e preenchem os espaços vazios com observações meteorológicas atuais.

Bretherton considera estes dados cruciais e algo improvisados. "É preciso cruzar dados de muitas fontes para adivinhar o que a atmosfera está a fazer neste momento", diz.

As complicadas equações da mecânica dos fluidos transformam, então, as observações combinadas em previsões. Apesar do enorme poder dos supercomputadores, a análise dos números pode demorar uma hora ou mais. E à medida que o tempo muda, as previsões têm de ser atualizadas.

As diferenças da Inteligência Artificial

A abordagem da IA é radicalmente diferente. Em vez de se basear

em leituras atuais e em milhões de cálculos, um agente de IA baseia-se no que aprendeu sobre as relações de causa e efeito que regem o clima do planeta.

Em geral, o avanço deriva da revolução contínua na aprendizagem automática – o ramo da IA que imita a forma como os humanos aprendem. O método funciona porque a IA é excelente no reconhecimento de padrões. É capaz de selecionar rapidamente montanhas de informação e detetar complexidades que os humanos não conseguem discernir. Este método conduziu a avanços no reconhecimento da fala, na descoberta de medicamentos, na visão por computador e na deteção do cancro.

Na previsão meteorológica, a IA aprende sobre as forças atmosféricas analisando repositórios de observações do mundo real. Em seguida, identifica os padrões subtis e utiliza esse conhecimento para prever o tempo, fazendo-o com uma rapidez e precisão notáveis.

> O método funciona porque a IA é excelente no reconhecimento de padrões. É capaz de selecionar rapidamente montanhas de informação e detetar complexidades que os humanos não conseguem discernir.

Recentemente, a equipa da DeepMind que criou o GraphCast ganhou o prémio britânico de engenharia mais importante, atribuído pela Royal Academy of Engineering. Sir Richard Friend, um físico da Universidade de Cambridge que liderou o painel de jurados, elogiou a equipa por aquilo a que chamou "um avanço revolucionário".

Rémi Lam, cientista principal do GraphCast, disse que a sua equipa tinha treinado o programa de IA com quatro décadas de observações meteorológicas globais compiladas pelo centro de previsão europeu. Em segundos, disse ele, o GraphCast pode produzir uma previsão de 10 dias que levaria mais de uma hora para um supercomputador.

Lam disse que o GraphCast funcionou melhor e mais rapidamente em computadores concebidos para IA, mas também pode funcionar em computadores de secretária e até em computadores portáteis, embora mais lentamente.

Numa série de testes, Lam informou que a GraphCast superou o melhor modelo de previsão do Centro Europeu de Previsão do Tempo a Médio Prazo em mais de 90% das vezes. "Se soubermos para onde vai um ciclone, isso é muito importante", acrescentou. "É importante para salvar vidas."

Lam disse que ele e a sua equipa são cientistas informáticos, não especialistas em ciclones, e não avaliaram como as previsões do GraphCast para o furacão Beryl se compararam com outras previsões de precisão.

Mas a DeepMind, acrescentou, realizou um estudo sobre o furacão Lee, uma tempestade atlântica que, em setembro, foi considerada como uma possível ameaça para a Nova Inglaterra ou, mais a leste, para o Canadá. Lam disse que o estudo revelou que o GraphCast chegou à Nova Escócia três dias antes de os supercomputadores chegarem à mesma conclusão.

Centro europeu adota IA

Impressionado com estas realizações, o centro europeu adotou recentemente o GraphCast, bem como programas de previsão de IA criados pela Nvidia, Huawei e Universidade de Fudan, na China. No seu sítio Web, apresenta agora mapas globais dos seus testes de IA, incluindo a gama de previsões de trajetórias que as máquinas inteligentes fizeram para o furacão Beryl em 4 de julho.

Chantry, do centro europeu, diz que a instituição vê a tecnologia experimental como uma parte regular da previsão meteorológica global. Uma nova equipa, acrescenta, está agora a desenvolver "o grande trabalho" dos experimentalistas para criar um sistema operacional de IA para a agência.

A sua adoção, afirma Chantry, poderá ocorrer em breve. Acrescentou, no entanto, que a tecnologia de IA como ferramenta regular pode coexistir com o sistema de previsão antigo do centro.

Bretherton, agora chefe de equipa no Allen Institute for AI

> Em segundos, o programa GraphCast, da DeepMind, uma empresa da Google, pode produzir uma previsão de 10 dias que levaria mais de uma hora para um supercomputador.

(criado por Paul G. Allen, um dos fundadores da Microsoft), lembra que o centro europeu era considerado a melhor agência meteorológica do mundo porque testes comparativos demonstraram regularmente que as suas previsões excediam todas as outras em termos de precisão. Como resultado, acrescentou, o seu interesse na IA fez com que o mundo dos meteorologistas "olhasse para isto e dissesse: 'Ei, temos de igualar isto'".

Os especialistas em meteorologia dizem que os sistemas de IA são suscetíveis de complementar a abordagem do supercomputador, porque cada método tem os seus pontos fortes específicos.

"Todos os modelos estão errados até certo ponto", refere Molina. As máquinas de IA, acrescenta, "podem acertar na rota do furacão, mas e quanto à chuva, ventos máximos e tempestades?"

Mesmo assim, Molina observa que os cientistas de IA estão a apressar-se a publicar artigos que demonstram novas capacidades de previsão. "A revolução continua", diz. "É uma loucura".

Jamie Rhome, vice-diretor do National Hurricane Center em Miami, concorda com a necessidade de várias ferramentas. Ele chama a IA de "evolucionária em vez de revolucionária" e prevê que humanos e supercomputadores continuem a desempenhar papéis importantes. "Ter um humano na mesa para aplicar a consciência situacional é uma das razões pelas quais temos uma precisão tão boa", reforça.

"Com a IA a surgir tão rapidamente, muitas pessoas consideram que o papel do ser humano está a diminuir", acrescenta Rhome. "Mas os nossos meteorologistas estão a dar grandes contributos. O papel humano continua a ser muito importante", conclui.

Este artigo foi originalmente publicado no jornal The New York Times.

Crianças até aos 15 anos representam 96% dos casos no Congo.

Mpox. "OMS aprendeu com covid e já está a pedir ajuda para travar surto"

ALERTA Aumento de casos e de mortes em África levou a OMS a decretar "emergência global". Filipe Froes diz ser preciso reforçar vigilância. Suécia regista primeiro caso da nova linhagem fora de África.

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Num ano, o número de casos de Monkeypox (Mpox) em África aumentou 160% e o de mortes 19%, tendo sido registados desde o início e até ontem 15 664 casos e 548 mortes, segundo o Centro Africano de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC África). A República Democrática do Congo é o país mais afetado, registando 96% dos casos e das mortes, mas o CDC África afirma que já há infeções em mais outros 13 países daquele continente, como Burundi, Uganda e Quénia. A grande preocupação das autoridades é que quase 70% dos casos no Congo são de crianças menores de 15 anos, as quais já representam 85% das mortes.

Este quadro levou o CDC África a considerar que se está perante uma situação de "emergência de Saúde Pública" e a pedir ajuda internacional para travar a disseminação do vírus, logo no início da semana. E a OMS apressou-se a decretar "o Estado de Emergência global em Saúde Pública", que é como "um alerta para todos os países", explica ao DN o médico Filipe Froes, pneumologista e ex- coordenador do Grupo de Crise para a Covid-19 da Ordem dos Médicos.

"A primeira grande lição a tirar desta decisão é que a OMS aprendeu com a pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2. Ou seja, antecipou uma decisão que vai acelerar a cooperação entre os diferentes países para que se aumente a vigilância, a capacidade de implementação de medidas de controlo da infeção e a capacidade de diagnóstico. Ao mesmo tempo que se aumenta também o acesso destes países a terapêuticas que não têm, como vacinas", especificou, concordando com o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, quando este diz que "esta situação é algo que nos deve preocupar a todos", pois "o potencial para uma disseminação além-África é muito preocupante".

Filipe Froes reforça este aspeto justificando que a preocupação da OMS é evitar que o surto extravase para a Europa ou para os Estados Unidos, para onde há fluxos migratórios dos países afetados. E ontem ficou a saber-se que a Suécia registou um primeiro caso detetado fora de África provocado pela nova linhagem do vírus Mpox. Segundo as autoridades suecas, o caso foi identificado "numa pessoa que procurou atendimento em Estocolmo" e que visitou uma parte de África afetada pelo surto".

O grande problema detetado nesta nova linhagem do vírus Mpox é que os primeiros sintomas da infeção não são tão fáceis de diagnosticar, podendo uma pessoa estar infetada e não saber que pode estar a contaminar outras.

O médico explica: "Ainda há a ideia errada de que a Mpox é, sobretudo, uma doença de homens que têm relações sexuais com outros homens. Isso era com a linhagem inicial do vírus, que circulou em 2022, e cujos sintomas mais evidentes eram as lesões cutâneas exuberantes, fáceis de diagnosticar. Só que agora, com a nova linhagem do vírus, houve uma evolução e mudança na transmissão da doença e nos primeiros sintomas", destaca ao DN, acrescentando que foram estas novas particularidades que levaram a OMS "a decretar este novo alerta de Saúde Pública".

Antes, "as lesões cutâneas exuberantes levavam a própria pessoa a identificar a doença e a isolar-se, mas estas não estão agora tão presentes nesta nova linhagem. As pessoas começam com um quadro de febre, mialgias e dores musculares, o que faz com que, muitas vezes, nem se apercebam de que podem estar infetados". Outra característica diferente desta nova linhagem é a forma de transmissão: antes era sobretudo pela via sexual, "agora por gotículas respiratórias que podem levar à contaminação pela permanência de um infetado junto de outras pessoas, por período prolongado", realça Filipe Froes. Neste momento, e pela avaliação do CDC África, o médico considera que se está perante "uma situação de endemia, a alastrar para uma epidemia na região".

O diretor-geral da OMS já tinha anunciado que iria prolongar por mais um ano as recomendações permanentes contra o risco crónico do vírus Mpox em vários países africanos, na sequência deste novo surto, como forma de ajudar "os países a responder ao risco crónico de varíola". Há laboratórios farmacêuticos que já estão a enviar vacinas para prevenir a infeção, porque especialistas, como Salim Abdool Karim, um dos maiores conhecedores em doenças infecciosas, garantem: "Estarmos numa situação em que o Mpox representa já um risco para muito mais países vizinhos na África Central e à sua volta", com o argumento de que "a nova variante do vírus vinda do Congo aparenta ter uma taxa de mortalidade de cerca de 3% a 4%, enquanto, em 2022, no surto global de Mpox, que atingiu mais de 70 países, esta taxa era de 1%."

anamafaldainacio@dn.pt

Gestores aprovam decisão para Urgências

Em entrevista ao jornal *Expresso*, na sua edição de ontem, o diretor executivo do Serviço Nacional de Saúde (SNS), António Gandra d'Almeida, admitiu a possibilidade de concentrar os meios apenas num polo de Urgência na área da Ginecologia-Obstetrícia, se esta for a melhor resposta ao utente. O presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH) já veio dizer que a ideia de concentrar de forma definitiva as Urgências de Obstetrícia e Oediatria na Região de Lisboa é "viável", embora "tecnicamente difícil", e que a defende "há muito tempo".

"Do nosso ponto de vista [esta medida] já devia ter acontecido há mais tempo. É uma medida que já defendemos há muito, de que pode resultar em benefício da população, em benefício das grávidas. Faz muito mais sentido termos uma resposta mais efetiva e mais capaz num conjunto de maternidades", disse.

Por outro lado, o presidente da APAH não é tão otimista em relação ao facto de o diretor executivo ter anunciado que já tem pronto o Plano de Inverno. "O facto de o Plano de Inverno estar prestes a sair não é garantia de que não haverá problemas", disse à Lusa, alertando: "Este planeamento com tanta antecedência é bom, mas que não se crie a ideia de que não vamos ter problemas", porque "os nossos recursos vão continuar a faltar no próximo inverno e talvez no próximo verão", referiu Xavier Barreto.

"A não ser que se façam mudanças estruturais com impacto, como a reforma da rede de urgências ou a alteração das equipas tipo".

DN/LUSA

Etna volta a entrar em erupção

O vulcão Etna, na ilha italiana da Sicília e considerado o mais ativo na Europa, entrou novamente em erupção, obrigando ontem ao encerramento do aeroporto de Catânia. As colunas de fumo e cinzas chegaram a elevar-se a 9.500 quilómetros acima do nível do mar, de acordo com o Instituto Nacional de Geofísica e Vulcanologia, que confirmou a queda de material piroclástico (matéria vulcânica solidificada) em várias localidades. O aeroporto da Catânia viu-se obrigado suspender ontem os voos devido à queda de cinza. Situado praticamente no sopé do Etna, o aeroporto serve a costa oriental da Sicília, um dos destinos turísticos mais populares de Itália, acolhendo por isso milhões de passageiros por ano.

GIUSEPPE DISTEFANO / ETNA WALK / AFP

Menina abandonada em Lisboa já estava referenciada pela CPCJ

NEGLIGÊNCIA Antes do abandono "já tinham sido registados episódios desfavoráveis, de negligência", revela a PSP. O pai não é conhecido e a criança, de 4 anos, será entregue a uma instituição.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

A criança abandonada ontem de madrugada junto à Estação de Entrecampos, em Lisboa, e a respetiva mãe "já estavam referenciadas pela CPCJ [Comissão de Proteção de Crianças e Jovens], porque já tinham sido registados episódios desfavoráveis, de negligência, no passado", apurou o DN junto do Comando Metropolitano da PSP.

O alerta foi dado por uma pessoa que passava, pelas 6.00 da manhã de ontem, junto àquela estação ferroviária: uma criança tinha sido abandonada, na via pública, dentro de um carrinho de bebé. A polícia foi chamada ao local, mas só pelas 9.30 encontrou a mãe da criança, uma menina de 4 anos.

"A mãe foi intercetada e identificada. Não vai ficar detida, mas será constituída arguida e ficará com TIR [Termo de Identidade e Residência]. Uma vez que não foi apanhada em flagrante delito e o crime de exposição ao abandono não ultrapassa a pena de cinco anos, não fica detida. Foi à esquadra prestar declarações, será aberto inquérito, ouvidas as testemunhas que presenciaram o abandono e acionado o Ministério Público", contou ao DN o comissário Paulo Martins, do Comando Metropolitano de Lisboa.

Durante as primeiras horas do dia, devido ao estado de embriaguez em que foi encontrada, "a mulher não estava com um discurso coordenado e orientado. Foi preciso esperar e, com o passar das horas, o seu estado melhorou e pôde falar".

A mulher que abandonou a filha "tem 25 anos e é originária de São Tomé". "Neste momento, não sabemos se tem documentos e de que forma está em Portugal", acrescentou o oficial da PSP.

A mãe da criança foi levada para a esquadra da Penha de França, correspondente à área onde foi identificado o abandono da menor. "Na altura, ainda estava bastante embriagada, apresentava um forte odor a álcool e percebemos, pela forma como se locomovia, que não estava no seu estado normal", descreveu Paulo Martins. "Saiu de madrugada, esteve num bar naquela zona, deixou a criança na rua e voltou para a pensão onde se encontra instalada desde o mês passado", acrescentou o comissário do Cometlis.

Ainda segundo Paulo Martins "a senhora estava sozinha com a filha. Não conhecemos o pai, nem outros familiares, e desconhecemos, até ao momento, se terá outros filhos, em São Tomé".

A criança, que "tem uma malformação congénita", foi levada para o Hospital D. Estefânia, "mas está bem de saúde e o tempo que esteve na rua não a terá prejudicado a esse nível".

Quando a menina tiver alta médica deverá ser acolhida numa instituição. "Vai ser acionada uma linha de emergência e contamos que alguma instituição fique com a criança, dado que não há outros familiares e a mãe não se mostra capaz de tomar conta da filha", acrescenta o comissário Paulo Martins.

Ainda segundo o oficial do Cometlis, os casos de abandono na via pública, semelhantes ao que aconteceu ontem, "são muito raros". "O abandono, desta forma, não é frequente." Já as situações de negligência têm aumentado: "Há muitas e em todo o lado. É o que não falta por aí", conclui Paulo Martins.

BREVES

Investigadores feridos em laboratório

Três investigadores, todos na casa dos 30 anos, ficaram ontem feridos, um deles com gravidade, por intoxicações provocadas pelo derrame de produtos químicos num laboratório no Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), disseram fontes da Proteção Civil e dos bombeiros.
O incidente ocorreu por volta das 15.25 e os investigadores que ficaram intoxicados, com queimaduras ao nível das vias respiratórias, foram transportados pelos bombeiros para as Urgências do hospital de Beja. O comandante dos Bombeiros, Pedro Barahona, precisou que os feridos são investigadores, todos homens e na casa dos 30 anos, salientando que os produtos derramados no acidente foram ácido clorídrico e butanol.

Sapadores florestais mais protegidos

Os sapadores florestais vão ter um reforço de 1,5 milhões de euros para equipamento de proteção pessoal, garantindo maior segurança no combate a incêndios, adiantou o Ministério do Ambiente e Energia (MAEN). Segundo um comunicado divulgado pelo MAEN, "o apoio será concedido sob a forma de subsídio não-reembolsável, até um máximo de 850 euros por cada sapador florestal, o que equivale a 4250 euros por equipa operacional".
"Financiado pelo Fundo Ambiental este apoio permitirá dotar as equipas de profissionais com material de proteção individual (EPI) de última geração, contribuindo para uma maior segurança no combate a incêndios"

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então pedimos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

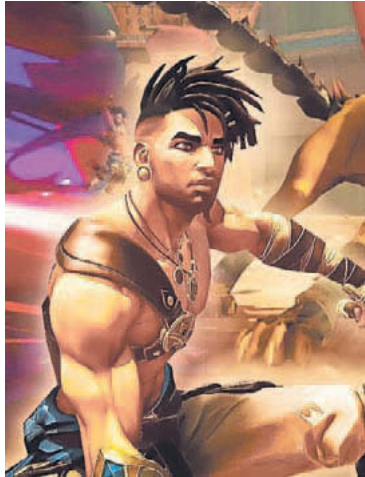
Carla Chambel atriz

"Se pudesse ser invisível, beliscaria o rabo a todos aqueles que atiram beatas para o chão"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Voar, sem dúvida. Daria jeito para o trânsito e seria ótimo para ter um ponto de vista global sobre o que me rodeia. Ver de fora ajuda a perceber o que andamos aqui a fazer!
Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
The Crown (6 temporadas) é uma obra de subtileza nos pormenores que me apaixona muito.
Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
É bem portuguesa e são Papas de Sarrabulho. São do Minho e são ótimas para um dia frio, mas impróprias para vegetarianos.
Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Enquanto mulher seria difícil viajar para qualquer tempo antigo. Mas se pudesse ir em versão homem, adoraria ir à Grécia Antiga.
Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
A Pantera Cor-de-Rosa. Adoro o sentido de humor.
Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
A prova de dança para a Escola Superior de Dança. Tinha um sonho, mas não tinha formação.
Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Uma criança. Poder brincar, brincar, espantar-me e não ter de pagar contas.

Qual é a música que sempre a faz dançar, não importa onde esteja?
Cream ou *Kiss*, do Prince
Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
O Fabuloso Destino de Amélie Poulain, de Jean-Pierre Jeunet. Acho maravilhoso poder colocar poesia na vida das outras pessoas, através de gestos simples.
Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Um apagador. Mas foi pedido no Natal.
Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Uma ave migratória. Adoro viajar.
Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Bolo de bolacha.
Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Dia do Cinema Português. Todos os cinemas exibiriam só cinema

português. E já agora, as plataformas *streaming* e os canais de TV também.
Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Arranjar autoclismos. Odeio ver água desperdiçada.
Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
A Catarina Furtado. Uma inspiração.
Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Por que é que TUDO JUNTO se escreve separado e SEPARADO se escreve tudo junto?
Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Perguntaria a uma tartaruga gigante que memórias tem dos séculos passados.

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Sou engenhocas para resolver problemas na hora.
Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Verde. Verde é calma, mas também é camuflagem, natureza, fresquidão.
Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Bomboca. Era o que a minha mãe me chamava quando eu era pequena.
Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Um sistema de rega que aproveitasse as águas dos prédios. Já existe? Ah! Então seria uma ótima solução para as cidades.
Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Uma prateleira que nunca pendurei.
Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Pão com manteiga.
Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Querer descer uma rampa de uma estrada de brita num carrinho de bebé (onde é que isto seria uma boa ideia?) e partir a cabeça.
Se fosse um meme, qual seria?
COOL.
Qual seria o título da sua autobiografia?
A Fazedora de Pontes.
Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Prince of Persia.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Como é que uma cerca goza com outra cerca? A ser sarcástica.
Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Beliscaria o rabo a todos aqueles que atiram beatas para o chão, ou pela janela do carro.
Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que a Florbela Espanca nasceu, casou-se e morreu no mesmo dia – 8 de dezembro.

O Algarve é o principal destino de golfe do país.

ARQUIVO / GLOBAL IMAGENS

Golfe tem impacto de quatro mil milhões de euros na economia

TURISMO Peso da atividade duplicou desde 2019. Indústria do golfe pede apoios ao Governo para a requalificação dos campos e alerta para o perigo de encerramentos devido à seca.

TEXTO **RUTE SIMÃO**

O impacto do golfe na economia do país duplicou desde 2019, atingindo os quatro mil milhões de euros. A atividade é ainda responsável pela criação de 20 mil postos de trabalho. Os dados são avançados ao DN/Dinheiro Vivo pelo Conselho Nacional da Indústria do Golfe (CNIG) e integram um estudo macroeconómico sobre o setor que está a ser ultimado pela entidade. Neste valor inserem-se os serviços adquiridos pelos jogadores da modalidade que, além das receitas diretas dos campos de golfe, somam outros consumos como o aluguer de *buggies*, a restauração, a hotelaria, o aluguer de viaturas, os transferes, o comércio e a cultura.

A atividade cresce à boleia do fôlego do turismo e 2023 fechou com indicadores recorde, com as receitas diretas, que correspondem exclusivamente ao valor que os jogadores pagam para jogar (*green fees*) a avançar 4% para os 160 milhões de euros.

Os turistas estrangeiros são responsáveis pela maior fatia das voltas (85%), e o Reino Unido continua a ser o principal mercado, seguindo-se a Suécia, a Alemanha e a França. "Há alguns mercados emergentes como o norte-americano, que continua a crescer, mas tem ainda uma expressão baixa – principalmente no Algarve, está mais presente na zona de Lisboa", explica o presidente do CNIG.

Apesar de a maioria dos jogadores chegar de fora, Nuno Sepúlveda sublinha a relevância dos residentes. "Continuam a valer 15% das voltas de golfe, mas atuam em alturas e regiões diferentes, mais centrados no Porto, ilhas e Lisboa. É outro tipo de negócio e continua a ser um mercado importante", aponta.

> Portugal continua a somar galardões e, em 2023, foi reconhecido como *Melhor Destino de Golfe do Mundo* e *Melhor Destino de Golfe da Europa* na 10.ª edição dos *World Golf Awards*, realizada em Abu Dhabi.

Para o responsável, é imperativo atrair um maior número de jogadores dos Estados Unidos, Canadá e Ásia mas, para isso, urge resolver desafios e modernizar a oferta do país.

"Estes mercados querem produtos com outro tipo de qualidade e, neste momento, alguns não a têm. No nosso parque [que totaliza 89 campos de golfe], a grande maioria dos campos tem entre 20 e 40 anos. O tempo de vida útil de um campo pode ser 30 anos, por isso, estamos numa altura que muitos destes campos têm que ser renovados e atualizados", indica.

O presidente do CNIG defende ainda o reposicionamento da oferta hoteleira do país com uma maior aposta em marcas internacionais que "criem uma relação com estes clientes". E no capítulo do investimento, o representante do golfe pede ao Governo linhas de apoio específicas para o setor. "É uma prioridade. Infelizmente, há poucas ajudas e, por exemplo, no PRR, a palavra 'golfe' não é sequer mencionada. Seria importante sermos elegíveis para linhas de financiamento porque, atualmente, é tudo feito à base da iniciativa privada", lamenta.

"Este negócio traz mercados para o país de altíssima qualidade, estadias longas e fora da época alta. Não traz um mercado de massas em julho ou agosto, mas sim, um mercado qualificado em março, abril, outubro e novembro. É absolutamente estratégico. Portugal não tem tamanho para competir em escala e em volume, mas em qualidade e serviço. E isso faz-se com produtos bons e atualizados", acrescenta.

Seca ameaça negócios

A questão hídrica e a seca, em particular na Região do Algarve, é outro dos desafios para a sobrevivência do negócio. "Alguns *resorts* e campos de golfe podem encerrar. Não podemos continuar só à espera de que chova para resolver os problemas da água. Ou o Governo acelera os processos de dessalinização e começa, em conjunto com autarquias, a implementar planos para poupar mais água, ou haverá encerramentos se não chover. Termos um negócio que depende da chuva é um risco muito alto", refere. Atualmente, há cerca de cinco projetos, entre o Alentejo e o Algarve, que não abrem devido aos problemas da falta de água.

Nuno Sepúlveda rejeita as críticas de que o golfe faz parte do problema na escala de consumo. "Os campos de golfe consomem água, mas também a gerem bastante bem. Nós só pesamos 6% do consumo de água na Região do Algarve. O problema não está nos campos de golfe. Temos feito grandes atualizações nos nossos campos, com relvas que consomem menos de 50% de água. Temos feito utilizações de novas estações de bombagem com maior eficiência de rega e temos sistemas de monitorização da água. Hoje em dia andamos a regar ao milímetro", atesta. O presidente do CNIG assegura que os empresários "estão dispostos a pagar e a contribuir" para a solução, mas que é ao Governo que cabe a resolução do problema.

rute.simao@dinheirovivo.pt

Joel K. Goldstein

"É um erro dizer que a escolha para vice-presidente não faz diferença nos Estados Unidos"

ELEIÇÕES O professor Joel K. Goldstein, que leciona na Faculdade de Direito da Universidade de Saint Louis, é o maior especialista académico na vice-presidência norte-americana e explica ao DN como o cargo mudou e quão consequente pode ser. Terão os atuais candidatos Tim Walz e J.D. Vance potencial para mudar o curso da campanha presidencial? Como se enquadram estas escolhas no panorama histórico? Em entrevista exclusiva, Goldstein faz uma análise aprofundada sobre aqueles que podem ser chamados a substituir o presidente do país mais poderoso do mundo.

ENTREVISTA **ANA RITA GUERRA,** LOS ANGELES

Qual é a importância histórica dos vice-presidentes, sendo o consenso que não costumam ser muito consequentes?
A resposta é complicada. A visão tradicional é de que, historicamente, não foram importantes, exceto nas poucas ocasiões em que o presidente morreu ou, em apenas um caso, se demitiu, e o vice-presidente assumiu a presidência. Isso não acontece há 50 anos, quando Richard Nixon se demitiu e o vice-presidente Ford se tornou presidente.

E qual tem sido a posição desde essa altura?
O cargo mudou principalmente durante a Administração Carter-Mondale, entre 1977 e 1981. O vice-presidente Mondale moldou uma nova visão para o cargo como um conselheiro abrangente e uma espécie de *troubleshooter* para o presidente. Detalhou os recursos de que ia precisar e Carter concordou, estava ansioso para que Mondale se envolvesse. Tiveram sucesso nesse formato e depois as outras administrações, de ambos os partidos, adotaram-na.
Por isso, nos últimos 50 anos a vice-presidência tornou-se mais importante, não apenas porque é o primeiro sucessor do presidente, mas porque é alguém no seu círculo íntimo na Casa Branca, aconselhando o presidente e assumindo funções importantes no seu lugar.
Um terceiro fator é que, nos tempos modernos, muitos dos nossos vice-presidentes se tornaram ou presidentes ou candidatos presidenciais. Embora ser vice-presidente não garanta a eleição como presidente, é uma rampa de lançamento político.

Temos agora precisamente esse caso: Joe Biden foi vice de Barack Obama e depois conseguiu ser eleito.
Antes de ser vice-presidente, Biden já tinha tentado a presidência duas vezes e não foi a lado nenhum. Depois de ser vice-presidente, em parte devido ao que fez e às relações que desenvolveu, tornou-se presidente.
E há vários casos recentes em que, pessoas que tiveram campanhas falhadas antes, depois de serem vice-presidentes conseguiram a nomeação e – em poucos casos – foram eleitas.
Uma última razão da importância atual é que o vice-presidente é uma das pessoas mais proeminentes na política americana, cuja voz é ouvida nacional e internacionalmente. A sua postura pode fazer a diferença em termos da discussão e conduta de matérias estatais nos EUA e no panorama internacional.

> *"O vice-presidente é uma das pessoas mais proeminentes na política americana, cuja voz é ouvida nacional e internacionalmente."*

Ou seja, o cargo é hoje muito mais saliente do que foi noutros tempos?
Absolutamente. O cargo começou a evoluir durante a vice-presidência de Richard Nixon, de 1953 a 1961. Isso aconteceu porque, no período pós-Segunda Grande Guerra, o Governo norte-americano tornou-se mais ativo na cena doméstica e internacional, pela entrada na era nuclear e na Guerra Fria.
Havia mais exigências sobre o presidente. Enquanto antes o vice-presidente presidia sobretudo ao Senado, a partir de Nixon foi puxado para o braço Executivo. Nixon, ao contrário dos antecessores, passou muito pouco tempo a presidir ao Senado. Encarregava-se sobretudo de fazer tarefas pelo presidente, trabalhando no Partido Republicano, servindo como porta-voz administrativo, fazendo diversas viagens transatlânticas.
O que era inédito e começou com Mondale a seguir foi que o vice-presidente mudou fisicamente para a *West Wing* [Ala Oeste] da Casa Branca, muito perto do presidente.

Que significado teve essa mudança?
A localização enviou a mensagem de que Mondale era importante. Não há muitos edifícios em localização nobre na Ala Oeste e Mondo recebeu um deles, entre o do chefe de gabinete e o do conselheiro de Segurança Nacional. Também significou que o vice-presidente estava próximo da Sala Oval. Carter disse que Mondale podia participar em qualquer reunião sua, por isso ele estava muito presente, e as pessoas puderam ver isso. Mondale tornou-se importante para outras figuras, domésticas e estrangeiras. Ou seja, mesmo que não vissem Carter, se conseguissem persuadir Mondale o problema podia chegar à Sala Oval. Isso mudou a vice-presidência.

Qual foi o vice-presidente mais consequente do país? Dick Cheney?
Diria que foi Mondale, porque mudou o cargo. Cheney foi muito influente, em especial no primeiro mandato de Bush, menos no segundo.
Penso que Biden foi muito importante como vice-presidente, e na verdade Harris também. Ela é a primeira mulher de sempre eleita para um cargo a nível nacional. Nos Estados Unidos, depois de 58 eleições elegerem apenas homens como presidentes e vice-presidentes, ela foi a primeira mulher eleita. Foi um evento histórico e importante.

JENNIFER SILVERBERG / THE NEW YORK TIMES

"A escolha [do vice] envia uma mensagem sobre a capacidade do candidato a presidente tomar boas decisões. Se for má, os eleitores podem vê-lo como menos competente."

A sua vice-presidência tem sido consequente. Ela é uma porta-voz de questões importantes para a Administração e tem viajado muito, em especial para a Ásia e Europa.

Considera então que as críticas sobre a visibilidade de Kamala Harris como vice-presidente são infundadas?

Ela tem sido importante. Nunca se sabe quanta influência um vice-presidente tem como conselheiro. Muito disso sabe-se depois, quando as pessoas escrevem memórias ou começam a falar após saírem do cargo.

Soube-se recentemente que Harris esteve envolvida no processo de troca de prisioneiros com a Rússia e teve reuniões com líderes durante a Conferência de Segurança Nacional em Munique. Ou seja, muito do trabalho acontece nos bastidores. É invisível. Ainda assim, creio que Harris teve algumas desvantagens ao começar. A maioria dos vice-presidentes serve presidentes com pouca experiência em matéria de política internacional. Foi o modelo de Cheney e Bush, Obama e Biden, Carter e Mondale, Reagan e George H.W. Bush, Trump e Pence. As exceções foram H.W. Bush e Dan Quayle e agora Biden e Harris.

"Nos Estados Unidos, depois de 58 eleições elegerem apenas homens como presidentes e vice-presidentes, Kamala Harris foi a primeira mulher eleita. Foi um evento histórico e importante."

Biden esteve no Senado 36 anos e foi vice-presidente durante oito. Tornou mais difícil para Harris encontrar o seu papel, porque ela não tinha a vantagem comparativa com que outros começam.

Como mudou isso?

Em particular a partir da decisão do Supremo de revogar o direito ao aborto, ela tornou-se a porta-voz mais visível dos direitos reprodutivos na Administração. Fez muitos eventos em todo o país, reuniu-se com legisladores estaduais e com procuradores-gerais, falou de como proteger os direitos das mulheres. Este é um assunto relevante para os eleitores mais à esquerda.

Também trabalhou noutras questões, como a criação de uma economia favorável à mobilidade social, programas sobre alterações climáticas, violência armada, preservação da democracia.

Outra área onde tem estado muito ativa é a inclusão de grupos que foram historicamente marginalizados. E também desempenha um papel diplomático significativo, com reuniões bilaterais.

O que pensa das atuais escolhas para vice-presidente, J.D. Vance nos republicanos e Tim Walz nos democratas?

O senador Vance tem tido dificuldades nas primeiras semanas como candidato. Tem experiência muito limitada em política eleitoral, só venceu uma eleição e só é senador há ano e meio. É dos que tem menos experiência na história de candidatos a vice em tempos modernos, a par de Spiro Agnew e Sarah Palin. O apelo e vantagem que tem é defender Donald Trump, ser muito fiel, mas não apresenta nada de novo para chegar a mais eleitores.

No caso do governador Walz, ele tem muita experiência. Passou 12 anos na Câmara dos Representantes e é governador há cinco anos e meio. Tem muita experiência governativa, mas também uma imagem relacionável: foi professor, esteve na Guarda Nacional 24 anos. Tem origens modestas e cresceu num ambiente rural, por isso parece ser um comunicador eficaz e alguém com que as pessoas de zonas rurais, que se têm afastado do Partido Democrata, se conseguem identificar. Walz tem a hipótese de ser um ativo valioso para a campanha de Harris por ser bom a comunicar temas de uma forma que apela aos eleitores a quem eles querem chegar. Ele pode expandir o grupo de eleitores de Harris. Com Vance, é difícil ver o apelo para pessoas fora da base de apoio de Trump.

A lógica era que a escolha para vice deve complementar o candidato a presidente.

Isso acabou?

Na maior parte das vezes, os candidatos presidenciais escolhem alguém que lhes traz equilíbrio, que valoriza o *ticket*, que traz forças a áreas onde há lacunas. O *ticket* Harris-Walz segue essa lógica, têm apelos e experiências de vida diferentes.

Vance é uma escolha mais questionável de Trump, mais da ala extrema do partido.

Bill Clinton e Al Gore também desafiaram essa lógica.

Sim. Estavam ambos na casa dos 40, eram ambos *baby boomers* e democratas centristas do sul. Muito similares. Mas a imagem das duas jovens famílias juntas enviou uma mensagem de mudança geracional que foi mais poderosa que Bill Clinton sozinho. Fizeram-se à estrada num autocarro de campanha e cativaram as pessoas, mostraram energia e vigor. Clinton estava em terceiro na corrida e a partir daí disparou para a liderança. A dinâmica entre Clinton e Gore foi um fator que ajudou Clinton politicamente.

E qual foi a pior escolha para vice-presidente, Sarah Palin?

O vice tem de ser alguém que os eleitores acham que pode vir a sentar-se na Sala Oval, tem de ser um presidente plausível e pronto para o palco nacional. Quando McCain escolheu Palin, as pessoas não viram isso nela. Foi um erro. Não foi por isso que perdeu, mas a escolha prejudicou McCain.

Uma má escolha pode fazer perder uma eleição?

Pode. A maioria das pessoas vota no candidato presidencial. Mas a escolha de vice-presidente pode afetar a forma como os eleitores veem o candidato presidencial. A escolha envia uma mensagem sobre a sua capacidade de tomar boas decisões. Se for má, os eleitores podem ver o candidato como menos competente.

Outra questão é que, mesmo que o vice faça uma diferença muito pequena, quem vence um estado por um voto recebe todos os votos do Colégio Eleitoral por esse estado. A pequena diferença do vice pode ser decisiva.

É um erro dizer que a escolha para vice-presidente não faz diferença, porque muitas das nossas eleições são decididas por margens muito próximas.

Se Walz fizer diferença no Wisconsin, que fica ao lado do Minnesota, Harris pode ganhar por causa dessa pequena margem.

Kiev e Moscovo reclamam avanços na região russa de Kursk

GUERRA Ucrânia rejeitou as alegações de envolvimento na sabotagem aos gasodutos Nord Stream em setembro de 2022, referindo que a Rússia tinha "motivos diretos" para levar a cabo as explosões das infraestruturas que transportavam gás russo para a Europa através do Báltico.

TEXTO **ANA MEIRELES**

A Ucrânia reivindicou ontem novos avanços na sua ofensiva transfronteiriça, durante a qual garante ter já tomado mais de mil quilómetros quadrados, o maior ataque de um Exército estrangeiro em solo russo desde a Segunda Guerra Mundial. Já a Rússia garantiu ter recapturado uma primeira aldeia às forças ucranianas na Província de Kursk e anunciou que estava a enviar "forças adicionais" para a região vizinha de Belgorod.

As forças ucranianas afirmaram controlar agora dezenas de localidades, bem como Sudzha, uma cidade a oito quilómetros da fronteira. "Assumimos o controlo de 1150 quilómetros quadrados de território e 82 localidades", segundo referiu o comandante militar Oleksandr Syrsky.

As tropas de Syrsky lançaram a ofensiva em 6 de agosto, quebrando meses de reveses para Kiev. O general também explicou ao presidente Volodymyr Zelensky que o Exército criou um Gabinete Administrativo "para manter a lei e a ordem e satisfazer as necessidades prioritárias da população nos territórios controlados".

A incursão transfronteiriça da Ucrânia apanhou Moscovo de surpresa e obrigou à retirada de mais de 120 mil civis da região, tendo os combates, segundo os últimos dados avançados pelos russos, tirado a vida a pelo menos 12 pessoas e feito 121 feridos.

Moscovo enviou tropas adicionais para Kursk, tendo anunciado ontem a recaptura de uma primeira aldeia na região, Krupets, referindo ainda que através do uso de aeronaves, artilharia e *drones* "frustraram os últimos ataques inimigos", incluindo tentativas de penetrar mais profundamente no território russo.

O Exército russo também anunciou medidas para prevenir ataques às regiões vizinhas, especialmente Belgorod, e que incluem "a alocação de forças adicionais".

ROMAN PILIPEY / AFP

Ucranianos prestam homenagem a soldados mortos desde o lançamento da incursão em solo russo.

Vários *media* ingleses noticiaram ontem que tanques doados pelo Reino Unido têm sido usados nesta incursão da Ucrânia, sendo a primeira vez que os *Challenger 2* surgem em combate ativo em solo russo. O Ministério da Defesa britânico recusou-se a comentar o armamento específico que a Ucrânia está a utilizar, mas observou que "as operações dentro da Rússia" não tinham sido impedidas quando os tanques e outras armas foram doados a Kiev. Segundo a BBC, a única exceção serão mísseis de longo alcance.

Alegações absurdas

Kiev rejeitou ontem, considerando-as "completamente absurdas", as sugestões de que estaria envolvida na sabotagem de 2022 aos gasodutos Nord Stream, que transportavam gás russo para a Europa através do Mar Báltico.

O *Wall Street Journal* noticiou na quarta-feira que o então principal comandante militar da Ucrânia, Valery Zaluzhny, supervisionou o plano para fazer explodir as infraestruturas.

"O envolvimento da Ucrânia nas explosões do Nord Stream é um absurdo completo. Não havia sentido prático em tais ações", disse à AFP o assessor presidencial ucraniano Mykhailo Podolyak, sublinhando que "tal ação fortaleceu significativamente as capacidades de propaganda da Rússia" e que Moscovo tinha "motivos diretos" para realizar as explosões.

A reportagem do *WSJ* foi publicada pouco depois de *media* alemães terem noticiado que as autoridades germânicas que investigavam a sabotagem estavam agora concentradas na Ucrânia e tinham emitido um mandado de prisão para um homem ucraniano.

ana.meireles@dn.pt

Mulher condenada a 12 anos por traição

Um tribunal russo sentenciou ontem a norte-americana Ksenia Karelina a 12 anos de prisão depois de ter sido considerada culpada de "alta traição" por doar cerca de 50 dólares a uma instituição de caridade pró-Ucrânia de Nova Iorque, num caso classificado como "crueldade vingativa" pela Casa Branca. A mulher de 32 anos, nascida na Rússia e residente nos EUA, foi detida nos Urais, em janeiro, quando visitava a família. O FSB acusou-a de recolher dinheiro que foi "usado para comprar bens médicos táticos, equipamentos, armas e munições para as Forças Armadas ucranianas".

BREVES

ONU investiga protestos no Bangladesh

A ONU vai investigar a repressão aos protestos estudantis no Bangladesh que levaram à queda da ex-primeira-ministra Sheik Hasina no início de agosto, anunciou ontem o Governo interino do país. Segundo um comunicado do Executivo de Muhammad Yunus, uma equipa da ONU é esperada no país "na próxima semana para investigar as atrocidades cometidas durante a revolução estudantil em julho e no início deste mês" e as "violações generalizadas dos Ddireitos Humanos". Hasina fugiu para a Índia no dia 5 depois de as ruas de Daca serem tomadas por manifestantes que exigiam a sua saída após 15 anos no poder e após semanas de protestos que deixaram mais de 450 mortos.

Seul quer aliviar tensões com Pyongyang

O presidente sul-coreano, Yoon Suk-yeol, propôs ontem a criação de um novo "grupo de trabalho intercoreano" para aliviar as tensões com a Coreia do Norte, atualmente no seu auge. "Enquanto a divisão persistir, a nossa libertação permanecerá incompleta", disse Yoon Suk-yeol num discurso que marcou o aniversário da rendição do Japão em 1945, que pôs fim à colonização japonesa da península. A proposta de Yoon Suk-yeol tem poucas hipóteses de avançar devido ao estado das relações e ao facto de o líder norte-coreano Kim Jong-un ter desistido oficialmente da reunificação em janeiro, dissolvendo todas as instituições responsáveis pelas relações com Seul.

A maioria dos mortos na Faixa de Gaza são mulheres e crianças.

BASHAR TALEB / AFP

Negociações retomadas no dia em que mortes em Gaza chegam às 40 mil

CONFLITO Líderes da diplomacia de França e Reino Unido visitam hoje Telavive para discutir esforços para evitar uma escalada regional.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Os Estados Unidos saudaram ontem o "início promissor" das negociações de cessar-fogo em Gaza, à medida que aumenta a pressão por um acordo para deter a escalada da guerra entre Israel e o Hamas, num dia marcado pelo anúncio do Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo movimento islamista palestiniano, de que já morreram 40 mil pessoas no enclave desde o começo do conflito.

As negociações foram retomadas esta quinta-feira em Doha, no Qatar, e contaram com a presença do diretor da CIA, William Burns. Israel tinha também confirmado a sua participação, não sendo claro se o Hamas enviou representação, depois de ter dito no dia anterior que iria estar ausente.

"Hoje é um começo promissor", declarou, a partir de Washington, o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, John Kirby, acrescentando que "ainda há muito a fazer", estando previsto que os trabalhos prossigam hoje. "Precisamos ver a libertação dos reféns, ajuda para os civis palestinianos em Gaza, segurança para Israel e redução das tensões na região, e precisamos ver essas coisas o mais rápido possível", acrescentou Kirby.

O Hamas já deixou claro que exige a implementação do plano que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, apresentou em maio, referindo então que começaria com um "cessar-fogo completo" inicial de seis semanas, a libertação de reféns e um "aumento" na ajuda humanitária enquanto os lados em conflito negociam "um acordo permanente fim das hostilidades".

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de França e do Reino Unido, Stéphane Séjourné e David Lammy, visitam hoje Israel para discutir com a diplomacia de Telavive "esforços para evitar uma escalada regional" de violência.

Este recente impulso diplomático surge no dia em que o Ministério da Saúde da Faixa de Gaza, controlada pelo Hamas, anunciou que o número de mortos no território palestiniano ultrapassou os 40 mil. "A maioria dos mortos são mulheres e crianças. Esta situação inimaginável deve-se esmagadoramente a falhas recorrentes por parte das Forças de Defesa de Israel no cumprimento das regras da guerra", acrescentou a mesma entidade, afirmando que a contagem incluiu 40 mortes nas 24 horas anteriores.

"Em média, aproximadamente 130 pessoas morreram todos os dias em Gaza durante os últimos dez meses. A magnitude da destruição de casas, hospitais, escolas e locais de culto pelo Exército israelita é profundamente chocante", referiu o alto-comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Türk, sublinhando que este é "um marco sombrio para o mundo inteiro" e uma "situação inimaginável" que "se deve em grande parte às violações recorrentes das leis da guerra por parte das Forças de Defesa israelitas".

Os militares israelitas, por seu turno, disseram ter matado "mais de 17 mil" militantes palestinianos em Gaza desde o início da guerra.

Opinião
Raúl M. Braga Pires

"Há, mas são verdes"!

O Hamas não apareceu, mas conta. E conta tanto, que não apareceu! Importante perceber que estas "meias-tintas árabes" também são nossas, resumindo-se em "o Português não se inscreve", do José Gil.

E o Hamas não se inscreveu, porque não se quer comprometer, porque não quer cair no ditado do "ter dado o dito por não dito", porque o quadro mental dos seus líderes (o Hamas é um partido religioso islamista) estabelece a obrigatoriedade do cumprimento da moral e ética religiosa nas acções do dia-a-dia.

Logo, o homem que se levanta antes do chamamento para a alvorada e fala cinco vezes ao dia com Deus, tem imbuído em si a omnipresença e omnisciência do Altíssimo. Logo, não pode mentir. Logo, não se pode comprometer. Logo, não pode assinar, precisamente para poder dizer, no seu *timing*, que não "prometeu" (verbo muito usado nas disputas árabes) nada a ninguém e que os outros é que "prometeram o que sabiam que não podiam prometer". Continuando no quadro mental do islamista, daqui sai-se limpo, "fui na senda recta traçada pelo Profeta", pensam!

Outro código que se torna em espuma ao abrir noticiários, tem sido o "vai, não vai mas envia delegado, não vai mas 'instruiu o Qatar' sobre o que fazer". A regra local é simples: ganha quem ficar com a última palavra e isso consegue-se mantendo a dúvida.

No saudoso Verão de 2000, o PR Clinton reuniu em Camp David o PM israelita Ehud Barak e o PR Palestiniano Yasser Arafat. Para a História ficou um episódio curioso de uma disputa entre Barak e Arafat para ver quem entrava por último. Resumidamente, os três chegam à entrada da vivenda, param, Clinton no meio vê os braços dos convidados na lateral, a afunilarem-lhe o caminho para a porta. Entrou, enquanto o israelita e o palestiniano se empurravam em salamaleques a querer que o outro entrasse primeiro. Variedades para as televisões americanas, quando o código cultural dos lutadores diz: O último a entrar é o mais poderoso! Foi Barak, só o conseguindo ao empurrar Arafat pelas costas, como quem empurra para expulsar!

Quanto ao que está acontecer, considero normal, como considero normal ser momento de apostar tudo e "convocar Abraão", a razão para o 7 de Outubro. Ou seja, o *timing* do Hamas para a guerra teve que ver com crescentes rumores sobre uma galopante aproximação entre Israel e Arábia Saudita, no sentido dos últimos aderirem aos Acordos de Abraão, reconhecendo assim Israel. Ou seja, é importante que na equação Irão, a Arábia Saudita tenha uma posição preponderante no sentido das soluções, tendo na opção Abraão um romper com o passado, cujo simbolismo poderá forçar a que faça também sentido o Irão regressar "à mesa nuclear" e deixar de ser pária, enquanto a China compra o petróleo todo na região!

Este, o cenário óptimo. Na realidade, haverá alguma mudança para continuar tudo na mesma. Palavra de Arabista!

Politólogo/arabista www.maghreb-machrek.pt
Escreve de acordo com a antiga ortografia

Neemias Queta
"Para o adepto, a NBA é espetáculo. Mas eu não estou lá para dar espetáculo, estou lá para ganhar"

EXCLUSIVO Português Campeão da NBA pelos Boston Celtics quer repetir a conquista este ano. Sem rancor a quem se riu do seu sonho, faz "coisas normais", como ir comprar leite ao supermercado, e pede desculpa às mães pelos filhos que ficam acordados até tarde para o ver jogar.

ENTREVISTA **ISAURA ALMEIDA**

Depois de dois anos nos Sacramento Kings, que o escolheram no *draft* de 2021 e fizeram dele o primeiro português a jogar na NBA, Neemias Queta seguiu para os Boston Celtics e conquistou, esta época, o mais importante Campeonato de Basquetebol do mundo. Está de férias em Portugal e, depois de um jogo entre amigos organizado pela Betclic, esta semana dá dicas a jovens basquetebolistas no *Neemias Queta Training Camp*.

Como é ser Campeão da NBA pelos Boston Celtics?
Não sei explicar, é *top*, é excelente. A equipa trabalhou imenso durante o ano inteiro e todos com o mesmo objetivo – e a forma como foi, a forma como delineámos, no início do ano, o que queríamos fazer e conseguimos fazer, foi excelente. E, para mim, foi muito importante ter este tipo de oportunidade. Tínhamos um grupo bastante unido e isso foi o que nos fez sobressair no fim de tudo. Para o adepto, a NBA é espetáculo, mas eu não estou lá para dar espetáculo, estou lá para ganhar. A época é dura. São três jogos por semana. Felizmente lido bem com as deslocações e tenho companheiros de viagens excelentes como o Payton Pritchard, o Jaden Springer ou o Al Horford.

Depois de ser campeão revelou que o seu pai morreu na véspera do jogo do título. Como está a ser o regresso a casa sem ele cá?
Custa muito. Falta uma parte de mim, enfrento um dia de cada vez. Ele deve estar muito feliz por mim. Foi um misto de coisas boas e más, para o qual ninguém está preparado. Ele dizia que só queria que eu fosse alguém na vida e sei que alguns acham que cumpri esse desejo ao ser campeão, mas isso é debatível. Ele iria querer mais para mim. Era um pai exigente que, como qualquer pai, só quer o melhor para os filhos. Ele queria muito que eu estudasse, mas também queria que eu cumprisse o sonho de ser jogador de basquetebol. Um já cumpri. Ainda me falta um ano para terminar o curso, mas é uma questão de fazer as cadeiras por semestres. Tenho estado em pausa desde que fui escolhido no *draft* em 2021, mas é algo que está no topo da minha lista de prioridades, acabar o Curso de Jornalismo.

O que ainda há desse menino do Vale da Amoreira que, em 2018, foi à procura do sonho nos EUA?
Eu acho que sou a mesma pessoa. Os outros dirão se sentem o mesmo. Faço a minha vida um bocado na mesma, sou tranquilo, humilde, tento trabalhar todos os dias para poder ser uma pessoa melhor. Até agora foram cinco anos muito únicos, característicos, diria. Deu para viver um bocado de tudo e viver em muitos sítios diferentes. Isso ajudou-me imenso a tornar-me a pessoa que sou hoje, porque só com essas batalhas consegui superar-me.

> *"Até agora foram cinco anos muito únicos, caraterísticos, diria. Deu para viver um bocado de tudo e viver em muitos sítios diferentes. Isso ajudou-me imenso a tornar-me a pessoa que sou hoje, porque só com essas batalhas é que consegui superar-me."*

Já não dá é para andar a passear na rua livremente...
Ainda dá. Ainda agora passei uma tarde inteira com os miúdos no bairro, ali na rua mesmo, junto à churrasqueira. Deu para fazer um bocado do que fazia sempre desde criança. Consigo ter a humildade para perceber que as pessoas já olham para mim como alguém que venceu na vida, mas eu diria que acaba por ser sempre relativo. Acho que tenho vindo a criar um bocado de, não diria furor, mas atenção mediática e percebo que as pessoas fiquem contentes comigo e por mim. A visibilidade é boa se for bem aproveitada. Dizer não é uma opção e eu já tive de dizer não algumas vezes.

E o Neemias, está satisfeito consigo próprio?
Tenho de estar, acima de tudo estou a fazer o que mais gosto, o que mais quero, o que sempre quis fazer na vida, jogar basquetebol e jogar basquetebol na NBA... então não posso nunca reclamar. O campo ainda é, claramente, o melhor sítio para se estar. Passei metade da minha vida num campo de basquetebol, é algo que faz parte de mim.

Dá ideia de que o campo e a bola o desinibem...
Tem de ser, não tenho escolha. O campo é algo que sinto ser o meu *habitat*, onde sou mais natural. Acho que sou um bocado mais desinibido, mais aberto, dentro de campo. Não diria que consigo expressar-me melhor, mas sou capaz de mostrar umas facetas da minha personalidade que no dia a dia não mostro.

Olhando para o início de tudo: o Campeonato Universitário deu-lhe as valências de que precisava para chegar à NBA?
Sim, sem dúvida. Ter ido para a Universidade de Utah e jogar nos *Aggies* foi das melhores escolhas que fiz na vida. Não só em termos académicos, mas também pela forma como consegui potenciar-me lá... no país da NBA. Para os atletas estrangeiros é difícil chegar à NBA e, estando lá, facilitou-me imenso a vida. Obviamente, nem tudo foi fácil, e foi um processo gradual. Desde

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

adolescente, ainda no tempo do Barreirense, já tinha a ideia de ir para os Estados Unidos e, a partir do momento em que fui à seleção, fortaleci o objetivo de investir no meu próprio futuro indo para o Campeonato Universitário norte-americano. E a partir do momento em que um dos meus treinadores me disse que eu tinha capacidades para fazer algo bonito no basquetebol, e até fazer vida disso, passei a levar a sério. Estudei a trajetória de outros jogadores que faziam um bocado o que eu fazia, a maneira como evoluíram com o tempo, e isso fez-me acreditar e trabalhar com o objetivo visível de chegar à NBA.

Foi fácil acreditar que tinha um futuro ou duvidou de si mesmo?

A dúvida sempre esteve lá, mas quando decidi trabalhar por objetivos de curto e longo prazo, em vez de lidar com incógnitas, facilitei imenso a minha vida. Objetivo por objetivo ficou claro para mim que era esse o caminho a seguir e tinha algo para me guiar.

Disse numa entrevista que houve quem se riu do seu sonho. Não deve ter sido fácil de ouvir...

Nada fácil, eu diria mesmo nada fácil, mas, acima de tudo, eu não quis deixar que fosse assim. Se as pessoas querem rir, problema delas. Não sou de vinganças, nem sou um homem rancoroso. Eu só tive de continuar a trabalhar e dar os passos certos para cumprir o sonho. Isso foi muito óbvio para mim, a partir do momento em que tive de viver sozinho e lidar com as responsabilidades adultas da vida e foi fundamental para a pessoa que sou hoje.

"Estou a fazer o que mais gosto, o que mais quero, o que sempre quis fazer na vida, jogar basquetebol e jogar basquetebol na NBA... então não posso nunca reclamar."

Então, aquilo que para o basquetebol português foi um feito histórico, ser escolhido no *draft* 2021, para si foi "apenas mais um passo"?

Sim. Foi isso. Fiquei feliz, obviamente, mas não me contentei em chegar à NBA. Sabia que era só o início da minha carreira, que ainda havia e há mesmo muito por se fazer. Tinha desistido de me propor ao *draft* de 2020 e muitos já pensavam que não voltaria a ter essa oportunidade, mas revelou-se uma decisão sábia. Acho que não fazia sentido nenhum estar a ir para a NBA quando eu não me sentia pronto. Portanto, assim foi um atrás, para depois dar dois em frente.

E o próximo passo será...

Ganhar de novo, continuar a evoluir, ser um jogador cada vez mais importante e ter um ano ainda melhor do que o ano passado.

Quando foi dispensado pelos Kings sentiu que o sonho estava em causa?

A partir do momento em que soube que já não ia ficar nos Kings, nem demorei muito a pensar nisso, se ia tentar ficar nos EUA ou aceitar propostas da Europa. Estava a fazer as malas para ir embora e regressar a Portugal quando Boston ligou. Foi muito rápido. A mala já estava feita [risos] e eu pronto para o próximo passo na carreira. Fiquei muito animado ao saber que uma equipa com tanta qualidade estava a interessar-se por mim. Perceber que tinham prazer em ter-me na equipa, e que eu podia contribuir, convenceu-me logo. Já nem me lembro bem da primeira conversa com o treinador [Joe Mazzulla], mas sei que disse que contava contigo e para aproveitar cada oportunidade que me iria dar. E deu. Ele sempre foi muito exigente comigo e a partir do momento em que consegui perceber o que queria de mim, e o quanto confiava em mim, foi uma questão de trabalhar muito e deu tudo certo até agora.

"Desde jovem que represento a seleção, é sempre um sentimento indescritível. É um amor diferente, não sei explicar bem."

Jogou tanto quanto estava à espera?

Tive de lidar com as minhas expectativas, claro. Eu estou sempre à espera de fazer tudo da melhor maneira possível e, se não correr como eu imaginava, que seja de uma maneira que termine com uma vitória. Uma boa época é sempre relativa. Podemos analisar minutos, pontos, ressaltos, mas se terminar com mais um anel de campeão, então, estará tudo bem.

Depois de ser campeão, assinou um contrato plurianual para continuar nos Boston Celtics. Acabou a indefinição?

Este contrato dá-me estabilidade. Não tenho de estar a fazer as malas todos os anos e além disso estou muito integrado na cidade. Sou uma pessoa de casa, tranquila. Às vezes não tenho leite em casa, tenho de ir ao supermercado e vou sem problemas. Faço as coisas normais e a comunidade portuguesa em Boston tem sido muito importante para mim. Vejo sempre bandeiras nos jogos e há sempre uma palavra em (bom) português.

Essa garantia de futuro financeiro é muito importante para um menino que veio do Vale da Moreira...

Sim, mas eu ainda não estou a pensar na reforma [risos]. Estou a desfrutar de tudo. Acima de tudo sou um fã do desporto e vejo todos os jogos de basquetebol, futebol e futebol americano que consigo. Normalmente não me interessa quem está a jogar, estou a ver os jogos só porque sim. Quando era criança não conseguia ver os jogos às três da manhã, agora que estou lá aproveito.

Tem noção de que há muitas mães que chateiam os filhos para ir dormir, porque há escola no dia a seguir e eles querem ficar acordados para ver os seus jogos?

[Risos]. Desculpem lá mães, mas a culpa não é minha... Vejam em diferido.

Mas consegue perceber o impacto que tem na vida destes jovens? Antes andavam com uma camisola do Michael Jordan, do Kobe Bryant e do LeBron James e agora andam na rua com camisolas a dizer Neemias... Além disso tem a sua cara estampada num prédio de oito andares...

Sim, é um bocadinho surreal. Muita gente, quer sejam crianças ou adultos, mostra amor, apoio e isso é muito bom, dá-me força de vontade e energia para procurar mais e mais.

E o basquetebol português? Tem noção de que a prática da modalidade cresceu nos últimos anos para valores recorde de 30 mil federados em 2023.

Sim, a Federação disse-me isso. Mas não, não é culpa minha. Eu diria que o basquetebol nacional está em boas mãos. A Liga Betclic tem vindo a fazer um grande trabalho aqui em Portugal, expandindo, quer em termos televisivos, quer em dar visibilidade às equipas e à formação, tanto no setor masculino como no feminino. Há muitos miúdos a quererem jogar lá fora e expandir o seu jogo, por isso acho que estamos num bom caminho. Também sei que muitos gostariam de me ver mais na seleção, mas é mais uma questão para a Federação e a equipa gerirem. Desde jovem que tenho representado a seleção e é sempre um sentimento indescritível. É um amor diferente, que não sei explicar bem.

isaura.almeida@dn.pt

Volta a Espanha vai para a estrada

Lisboa marca o arranque da 79.ª edição da Volta a Espanha, no sábado. Ontem, foi a vez de o público contactar pela primeira vez com as equipas e os ciclistas que participarão na prova. O local foi o de partida da primeira etapa (um contrarrelógio até Oeiras): Belém, junto ao Tejo. Esta será a primeira de três tiradas em Portugal. Com um percurso muito montanhoso (há apenas uma etapa totalmente plana), a *Vuelta* terá ainda ligações entre Cascais e Oeiras (domingo) e entre a Lousã e Castelo Branco (segunda-feira). Em prova estarão dois ciclistas portugueses: Rui Costa (EF Education-EasyPost, na foto) e João Almeida (UAE Emirates), que foi considerado pelo vencedor do ano passado, o americano Sepp Kuss, como "um dos grandes candidatos" à conquista da prova.

TIAGO PETINGA/LUSA

Evanilson está de saída e Vítor Bruno admite: "Vai fazer muita falta"

FC PORTO Avançado brasileiro já está em Inglaterra para assinar pelo Bournemouth, com o encaixe a poder chegar aos 47M€. Treinador azul e branco assume que saída é "impactante".

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

Perder um jogador "tão influente" como Evanilson, a 24 horas do jogo frente ao Santa Clara (hoje, 17.00 horas, SportTV1) é "sempre impactante". A garantia foi deixada por Vítor Bruno, treinador do FC Porto, na antevisão do encontro frente aos açorianos.

Nas declarações, o técnico azul e branco anunciou que Evanilson não foi convocado para o encontro de hoje e que está mesmo de saída do Dragão. O avançado brasileiro, transferido para o Bournemouth, de Inglaterra, poderá render 47 milhões de euros (37M€ a pronto + 10M€ em variáveis) aos cofres da SAD portista. "Não podemos esquecer os números dele, que, mesmo estando condicionado em alguns momentos com lesões, deu um enorme contributo à equipa. Vai fazer falta, mas fará mais falta quem cá está", rematou Vítor Bruno. Chega assim ao fim uma ligação de quatro épocas, que resultou em 154 jogos pela equipa principal do clube, com 60 golos e 17 assistências.

De saída está também o defesa Fábio Cardoso, que deixará Portugal para rumar ao Al Ain, dos Emirados Árabes Unidos. O defesa-central, 30 anos, será transferido por empréstimo, num acordo que contempla uma opção de compra no valor de 1,2 milhões de euros.

Por outro lado, o extremo Francisco Conceição mantém-se (pelo menos por enquanto) no Dragão, depois de avanços e recuos quanto a uma transferência para os italianos da Juventus. Sobre eventuais propostas pelo jogador, Vítor Bruno disse nada saber e explicou que o extremo de 21 anos tem estado de fora por problemas físicos. Na terça-feira, o avançado teve de "fazer uma manobra um bocadinho mais invasiva para perceber se conseguimos debelar o problema que ele tem, que já é micro, pequeno, mas que ainda o incomoda de certa maneira. E isto não é tanga, não é tabu".

Evanilson fez 154 jogos pela equipa principal do FC Porto e marcou 60 golos.

Sobre o desafio frente ao recém-promovido Santa Clara, Vítor Bruno pediu que a equipa se adapte rapidamente às condições atmosféricas diferentes, mas admitiu ser impossível "controlar isso". "Temos de nos adaptar rapidamente àquilo que o jogo pedir. Enquanto puder andar, lá estaremos para dar corpo". Olhando para o adversário, o técnico realçou o "início de muito forte, com vitórias sobre equipas de I Liga na pré-época e um triunfo contundente na Amoreira [frente ao Estoril]". Isso vai exigir que os dragões entrem em campo "equipados com os valores do FC Porto e com total espírito de missão".

COM LUSA

BREVES

Alemão Marco Reus vai jogar no LA Galaxy

O futebolista internacional alemão Marco Reus, que terminou uma ligação de 12 anos seguidos ao Borussia Dortmund, assinou por duas épocas e meia com o Los Angeles Galaxy, anunciou o clube da Liga norte-americana (MLS). Reus, de 35 anos, vai ter a sua primeira experiência fora da Alemanha, onde apenas representou o Dortmund, tanto na formação como na equipa principal, totalizando 170 golos e 429 jogos (o último dos quais a final da Liga dos Campeões da época passada, que perdeu frente ao Real Madrid, por 2-0, no início de junho). Marco Reus mudou-se para a equipa de Dortmund em 2012, depois de ter estado no Borussia Mönchengladbach.

Ai Ogura é o substituto de Miguel Oliveira

O piloto japonês Ai Ogura é o substituto do português Miguel Oliveira aos comandos da Aprilia da equipa norte-americana Trackhouse no Mundial de velocidade de motociclismo, a partir de 2025. "É oficial. Os pilotos da Trackhouse Racing MotoGP em 2025 e 2026 serão Ai Ogura e Raul Fernández", informa o site oficial do MotoGP, adiantando que o japonês assinou contrato por dois anos. Por outro lado, piloto português tem sido apontado à Pramac (que vai correr com motas Yamaha) e considerou esse projeto "muito atrativo". Ontem, à SportTV, não revelou o seu futuro mas assumiu que "as coisas estão muito bem encaminhadas" para assinar pela Pramac.

AVISO

PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO PÚBLICA DO PROCEDIMENTO DE REVOGAÇÃO DO PLANO DE PORMENOR DO BARRANCO RODRIGO

O Sr. Presidente da Câmara Municipal de Portimão, Álvaro Bila, faz público nos termos do n.º 1 do artigo 76.º e da alínea c), n.º 4 do artigo 191.º do Decreto-Lei n.º 80/2015, de 14 de maio, na redação atual, que aprovou o Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial, adiante apenas RJIGT, e do artigo 56.º do Anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, na redação atual, que a Câmara Municipal de Portimão deliberou o assunto n.º 572/24 na sua 6.ª reunião extraordinária de 31 de julho de 2024, cf. resulta do n.º 1 do artigo 76.º dar início ao procedimento de revogação do Plano de Pormenor do Barranco do Rodrigo, publicado através dó Aviso n.º 4440/2008, de 20 de fevereiro, estabelecendo para o efeito um período de participação pública de 15 dias para formulação de sugestões e para apresentação de informações sobre quaisquer questões que possam ser consideradas no âmbito do respetivo procedimento.

E, para constar, publica-se este edital e outros de igual teor nos locais habituais, no *Diário da República*, 2.ª Série, conforme dispõe o artigo 191.º do RJIGT, num jornal de expansão local e noutro de expansão nacional, em edital, no *site* do município (cf. n.ºs 1 e 2 do artigo 56.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro) e ainda na plataforma colaborativa de gestão territorial (PCGT) a que se refere a alínea a) do n.º 2 do artigo 190.º, em articulação com o n.º 4 do mesmo artigo.

Portimão, 8 de agosto de 2024

O Presidente da Câmara Municipal de Portimão
Álvaro Bila

avisos, tribunais e conservatórias

MUNICÍPIO DO FUNCHAL

AVISO N.º 628/2024

Abertura de procedimento concursal para provimento de cargo de direção intermédia de 2.º grau, Chefe da Divisão de Gestão do Património e de Contratos

Nos termos dos n.ºs 1 e 2 do artigo 21.º da Lei n.º 2/2004, de 15 de janeiro, alterada e republicada pela Lei n.º 64/2011, de 22 de dezembro, adaptada à Administração Local pela Lei n.º 49/2012, de 29 de agosto, e no seguimento da publicação do aviso (extrato) n.º 17395/2024/2 no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 157, Parte H, de 14 de agosto de 2024, faz-se público que se encontra aberto, por um período de dez dias úteis a contar do dia seguinte ao da publicação na Bolsa de Emprego Público, procedimento concursal para recrutamento do cargo de direção intermédia de 2.º grau, Chefe da Divisão de Gestão do Património e de Contratos, do Departamento de Gestão Patrimonial.

A indicação dos requisitos formais de provimento, do perfil exigido, da composição do júri, dos métodos de seleção e outras informações de interesse para a apresentação das candidaturas consta da publicitação efetuada a 14 de agosto na Bolsa de Emprego Público (**www.bep.gov.pt**).

A apresentação das candidaturas deve ser efetuada em suporte de papel, através do preenchimento de formulário-tipo, de utilização obrigatória, sob pena de exclusão, podendo ser obtido na página eletrónica deste Município em **https://www.funchal.pt** (consulta/ recursos humanos/ procedimentos concursais a decorrer), a entregar pessoalmente no Departamento de Recursos Humanos ou a remeter por correio registado, com aviso de receção, dirigido à Presidente da Câmara Municipal do Funchal, Departamento de Recursos Humanos, Praça do Município, 9004-512 Funchal, até ao termo do prazo de candidatura (30 de agosto de 2024).

Câmara Municipal do Funchal, 14 de agosto de 2024

A Vereadora
Ana Fernanda Osío Bracamonte

Recrutamento de quadros para a AMT

A Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), entidade reguladora responsável por definir e implementar o quadro geral de políticas de regulação e de supervisão aplicáveis aos setores e atividades de infraestruturas e de transportes terrestres, fluviais e marítimos, está a recrutar:

- *Quadros Superiores Seniores (m/f) especialistas em direito;*
- *Quadros superiores (m/f) especialistas em tecnologias de informação;*
- *Quadros superiores (m/f) em engenharia de planeamento, infraestruturas e da mobilidade;*
- *Quadro técnico (m/f) especialista em design gráfico e webdesign.*

Toda a informação sobre a oferta de emprego disponível e como concorrer pode ser consultada em **www.bep.pt** e em **www.amt-autoridade.pt.**

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DO OESTE, E.P.E.

AVISO

A Unidade Local de Saúde do Oeste, E.P.E., torna público, conforme Aviso publicado na sua página eletrónica no dia 16-08-2024, que se encontra aberto, pelo prazo de 10 dias úteis, **procedimento concursal para constituição de bolsa de reserva de recrutamento de Técnico Superior das áreas de Diagnóstico e Terapêutica – área de Terapia Ocupacional, para celebração de contrato nos termos do Código do Trabalho.**

A Presidente do Conselho de Administração
Elsa Baião

Francisco José, o último cantor romântico

MÚSICA Figura maior da canção em Portugal e no Brasil, em meados do século XX, Francisco José faria hoje 100 anos. Filho de uma época em que a rádio criava "estrelas", nunca se impediu de lutar pelas causas que considerava justas.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

Celebrizou-o a voz de veludo, "feita" à medida de canções românticas que foram grandes sucessos de público como *Olhos Castanhos*, *Eu e Tu* ou *Recado a Lisboa* (com letra de João Villaret e cujo verso *Passa por mim no Rossio* inspirou a Filipe La Féria o título de um espetáculo), mas nem por isso se esquivou aos confrontos que a vida lhe exigiu. Falamos de Francisco José, nome grande da canção em Portugal e também no Brasil, nascido na Rua da Cal Branca, em Évora, e que hoje faria 100 anos (morreu a 31 de julho de 1988, aos 63 anos, vítima de acidente cardiovascular).

António Galopim de Carvalho, que o público conhece como incansável defensor da preservação dos vestígios de dinossauros em território português, irmão mais novo de Francisco José, recorda ao DN como a carreira musical deste se começou a desenhar ainda na adolescência, na cidade natal de ambos.

"Ainda usava o nome de Chico Carvalho e participava em muitas récitas do liceu ou em espetáculos no Teatro Garcia de Resende. Lembro-me sobretudo de uma revista de temática alentejana, intitulada *Palhas e Moínhas*, de João Vasconcelos e Sá, avô do fadista António Pinto Basto. Devíamos estar em 1939."

Menino e moço, o aspirante a cantor rumou a Lisboa. Levava o objetivo de estudar Engenharia Civil, inscreveu-se na Faculdade de Ciências, mas o talento foi-lhe notado e, em breve, Francisco José frequentava o Centro de Preparação de Artistas da Emissora Nacional, lugar sonhado por tantos numa época em que a rádio tinha o poder de fabricar "estrelas".

As solicitações artísticas foram tantas que a licenciatura em Engenharia foi interrompida no 3.º ano, tal como o primeiro emprego, como experimentador no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Em 1979, em entrevista ao DN, Francisco José recordava a importância que os primeiros ensinamentos de Mota Pereira, respon-

O assédio das fãs era constante. Com humor, o irmão, Galopim de Carvalho, recorda que uma delas, mais atrevida, terá dito (ou escrito) ao cantor que "se sentia grávida, de cada vez que o ouvia".

Com o 25 de Abril, o cantor assumiu alguma intervenção política, tendo sido candidato a deputado pelo Partido Socialista, na lista dos deputados do Círculo Fora da Europa.

ARQUIVO DN

sável pelo referido centro de preparação, assumiram no desenrolar do seu futuro. “Ele disse-me: Você sabe que tem na sua frente um microfone (jamais tinha cantado para um microfone) e pode cantar com intimismo, como ao ouvido de uma mulher. Cançonetista já você é, terá de cantar como um Bing Crosby ou um Sinatra.”

O rapaz, que até aí aspirava a seguir os exemplos de vozes mais operáticas como as de Luís Piçarra ou Alberto Ribeiro, adota as lições do mestre e obtém grande sucesso como “estrela” de rádio em programas de vasta audiência, como os espetáculos da APA ou o *Comboio das Seis e Meia*. Ainda não tem repertório próprio, mas já conquista corações com a interpretação de boleros, então muito em voga, ou canções de amor celebrizadas por Edith Piaf ou Frank Sinatra.

Em 1951, deslocou-se a Espanha para gravar o primeiro disco em 78 rotações. O título? *Olhos Castanhos* (com letra e música de Alves Coelho “filho”, o compositor mais influente nesta fase da sua carreira), que se tornou no seu maior sucesso, em Portugal e fora dele. Seguiram-se novos temas, também assinados por Alves Coelho como *Quatro Palavras*, *Como É Bom Gostar de Alguém* ou *Sou Louco Por Ti*. Todos com grande sucesso de vendas de discos e muitas passagens na rádio.

O assédio das fãs era constante. Com humor, Galopim de Carvalho recorda que uma delas, mais atrevida, terá dito (ou escrito) ao irmão que “se sentia grávida, de cada vez que o ouvia”. Tamanha popularidade não tinha, no entanto, correspondência na retribuição financeira dos artistas e, perante a persistente escassez, Francisco José ruma a terras brasileiras, onde, ao longo dos anos, se torna o cantor português mais reconhecido depois de Amália Rodrigues. Aí permaneceria quase ininterruptamente durante mais de 25 anos.

No Brasil, grava os álbuns *Francisco José e as Músicas Que Ninguém Esquece*, *Sucessos de Portugal Nº 2*, *Sucessos de Portugal Nº 3* e *Francisco José e os Sucessos de Ouro da Música Romântica Brasileira*, onde canta temas de Tom Jobim, Dolores Duran ou Vinicius de Moraes. Atuou para as comunidades portuguesas e em várias emissoras de rádio e televisão – Tupi, TV Rio e Continental –, onde protagonizou o programa *Figura de Francisco José*, uma experiência que considerou decisiva para o seu reconhecimento naquele país.

Francisco José também construiu uma carreira de grande sucesso no Brasil, onde passou mais de 25 anos. Só o disco *Olhos Castanhos* vendeu mais de um milhão de exemplares.

Mas a suavidade do timbre não correspondia a um temperamento dócil. A ditadura do Estado Novo não merecia a sua simpatia ou anuência, como teve ocasião de mostrar em direto, na RTP, numa das suas vindas a Portugal. Estava-se a 21 de julho de 1964 e o programa de variedades, transmitido em direto, chamava-se *TV Clube*. Francisco José cantou alguns temas do seu repertório, conforme o previsto, mas decidiu fazer uma pausa para dizer duas ou três coisas ao espectador.

Antes de mais que os artistas portugueses, entre os quais ele próprio, lutavam tenazmente no Brasil para mostrar o melhor da música portuguesa. O problema é que o país não reconhecia tal esforço e a RTP não lhes oferecia retribuição digna, sempre que eles voltavam.

Em contrapartida, a mesma estação televisiva, a única existente no país, não se coibia de pagar elevados *cachets* a intérpretes internacionais, como demonstravam os exemplos recentes de Charles Trenet e Carmen Sevilla. O caso não era para menos: Francisco José recebera quatro contos (ou 4000 escudos) enquanto a cantora espanhola, por exemplo, recebera… 25 vezes mais.

Num país formatado pela censura e pelo medo, tal coragem era inédita. A emissão foi cortada, o locutor de continuidade, Jorge Alves, desfez-se em desculpas pelo inusitado acontecimento, mas a mensagem chegara aos espetadores. Nessa mesma noite, uma multidão de admiradores acorreu à porta do restaurante Chicote, em Lisboa, onde Francisco José iria atuar, para o aplaudir. Empolgado, ele veio à varanda saudar tão voluntariosos fãs e dedicou-lhes uma canção.

Mas, como seria de esperar no Portugal de 1964, o caso não passou sem consequências. Francisco José foi alvo de um processo por injúria e difamação movido pela RTP, de que seria ilibado, mas, como nos conta Galopim de Carvalho, “manter-se-ia a obrigação de se apresentar à PIDE, sempre que vinha a Portugal.” Do mesmo modo, ficaria proibido de atuar em qualquer programa da RTP, nos 16 anos seguinte.

Quando finalmente lhe foi permitido regressar ao Brasil (as autoridades portuguesas tinham-lhe retirado o passaporte enquanto decorria o processo), Francisco José tinha à sua espera a carreira consolidada que soubera construir, sobretudo depois da venda de um milhão de discos de *Olhos Castanhos* naquele país. A sua Adega de Évora, que dirigia em colaboração com um irmão, era um dos restaurantes mais badalados no Rio de Janeiro.

Em 1967, gravou um soneto de Luís de Camões com música sua, até que no início da nova década volta a focar-se no mercado português. Grava *Guitarra Toca Baixinho* (versão sua de um tema do italiano Nicola di Bari) que, em 1973, lhe vale o regresso aos grandes sucessos no seu próprio país.

Com o 25 de Abril, o cantor assumiu alguma intervenção política, tendo sido candidato a deputado pelo Partido Socialista, na lista dos deputados do Círculo Fora da Europa. Voltaria a Portugal, de forma definitiva, já na década de 1980, ocasião que aproveita para se licenciar em Matemática.

Um gosto antigo, como recorda o irmão, António Galopim de Carvalho: “Apesar da sua carreira muito intensa, nunca deixou de ler muito e de se interessar por áreas com um forte pendor abstrato, como a Matemática ou a Filosofia.”

Nos últimos anos de vida, foi mesmo professor de Matemática numa universidade sénior, em Lisboa. Em 1983, gravou um derradeiro disco, intitulado *As Crianças Não Querem a Guerra*.

Gena Rowlands em *Noite de Estreia*: mistérios do teatro, esplendor do cinema.

Gena Rowlands
Morreu a atriz de todos os mistérios

OBITUÁRIO Atriz com uma carreira de mais de seis décadas, presença nuclear na obra de John Cassavetes, seu marido, Gena Rowlands deixa o legado multifacetado de muitas e fascinantes personagens – morreu na sua casa da Califórnia aos 94 anos de idade.

TEXTO **JOÃO LOPES**

Nome grande do firmamento de Hollywood, mulher e musa de John Cassavetes, Gena Rowlands morreu no dia 14 de agosto na sua casa de Indian Wells, na Califórnia. Em finais do mês de junho, o filho Nick Cassavetes informara os meios de comunicação da frágil condição de saúde da mãe, há cinco anos atingida pela doença de Alzheimer – contava 94 anos.

É provável que os espectadores mais jovens desconheçam a sua presença decisiva na obra de John Cassavetes – incluindo *Faces/Rostos* (1968), símbolo da "nova vaga" de Hollywood –, identificando-a sobretudo com *The Notebook/O Diário da Nossa Paixão* (2004), um dos filmes em que foi dirigida, precisamente, por Nick Cassavetes, tendo como base um "best-seller" de Nicholas Sparks. Alguns anos mais tarde, surgiria também no elenco de *Broken English/Uma Americana em Paris* (2007), longa-metragem de estreia da sua filha Zoe Cassavetes.

Ainda que as suas mais notáveis composições não se esgotem nos filmes do marido – lembremos *Uma Outra Mulher* (1988), de Woody Allen, contracenando com Mia Farrow e Gene Hackman –, foi com John Cassavetes que Gena Rowlands acedeu à nobreza artística de Hollywood. O facto parece contraditório, uma vez que Cassavetes é muito justamente associado a um conceito de "independência" no interior do sistema, mas é com o seu filme *Uma Criança à Espera* (1963), produzido por uma "major" de Hollywood (United Artists), que ela começa a revelar um invulgar talento – recorde-se que esse subtil retrato de um hospital para doentes mentais foi o penúltimo filme de Judy Garland.

> Gena Rowlands começou a sua carreira em meados dos anos 50, entre os palcos e a televisão.

Obteve duas nomeações para o Óscar de melhor atriz, em ambos os casos dirigida pelo marido: *Uma Mulher sob Influência* (1974), centrado numa personagem cuja doença mental vai decompondo todas as suas relações sociais, e *Gloria* (1980), reconvertendo, no feminino, os modelos de personagens masculinas do cinema "noir" da década de 40. O primeiro, cujo argumento foi sugerido pela própria Gena Rowlands, ficou como um dos projectos mais pessoais de John Cassavetes, produzido com o seu próprio dinheiro e o apoio financeiro de vários amigos (incluindo Peter Falk, intérprete da personagem do marido); o segundo tem chancela da Columbia, outro grande estúdio de Hollywood – logo a seguir, Gena Rowlands e John Cassavetes participariam, apenas como actores, numa versão moderna da *Tempestade* (1982), de Shakespeare, realizada por Paul Mazursky. Quanto aos Óscares, receberia uma estatueta honorária em 2016.

Vimo-la também em títulos tão diferentes como *Tony Rome Investiga* (1967), policial de Gordon Douglas protagonizado por Frank Sinatra, *Luz do Dia* (1987), realização de Paul Schrader com Michael J. Fox no universo de uma banda rock, *Noite na Terra* (1991), filme de "sketches" assinado por Jim Jarmusch, ou *A Bíblia de Neon* (1995), admirável melodrama do inglês Terence Davies.

Uma herança plural

Nascida em Madison, Wisconsin, a 19 de junho de 1930, Gena Rowlands foi, como muitos intérpretes da sua geração, uma atriz que deu os primeiros passos em meados da década de 50, num ziguezague entre os palcos e a televisão. Na Broadway, estreou-se em *The Seven Year Itch*, a peça de George Axelrod que viria a ser celebrizada por Marilyn Monroe na versão filmada por Billy Wilder em 1955 (título português: *O Pecado Mora ao Lado*). Por essa altura, participou em séries como *The Way of the World*, *Johnny Stacatto* (com o marido no papel central) ou *Alfred Hitchcock Apresenta*.

Dois dos filmes finais de e com John Cassavetes podem resumir o seu legado: *Noite de Estreia* (1977), vivido nos bastidores do teatro, e *Amantes* (1984), sobre as "correntes do amor" referidas no título original (*Love Streams*). Se o primeiro é um verdadeiro requiem sobre o grau de exposição, delírio e sofrimento que o trabalho de palco pode implicar, o segundo tende a ser classificado, erroneamente, como um espelho autobiográfico do casal atriz/realizador – na verdade, Cassavetes e Rowlands interpretam dois irmãos que tentam encontrar algum tipo de equilíbrio, porventura de redenção, depois da decomposição das suas vidas conjugais.

Da solidão da mãe de *Uma Criança à Espera*, tentando lidar com os problemas mentais do filho, até à desamparada irmã de *Amantes*, Gena Rowlands foi uma atriz capaz de expor os mistérios do comportamento humano, sem nunca se deixar encerrar em facilidades "novelescas" ou estereótipos de género – a sua herança tem tanto de excelência artística como de comovente emoção.

FILMES&SÉRIES AGENDA

Barbara Stanwyck e Kirk Douglas: uma outra Hollywood.

O estranho amor de Martha Ivers

de Lewis Milestone na Filmin

E que tal matar saudades do *film noir* numa noite quente de verão? *O Estranho Amor de Martha Ivers* (1946) não será das mais revisitadas obras do género, mas devia. Com Barbara Stanwyck como protagonista – ela que dois anos antes se tornara sinónimo de cinema *noir* através do bem mais conhecido *Pagos a Dobrar*, de Billy Wilder –, esta exploração das grades da alma surge na forma de um segredo do passado que vai definir todo o desígnio de vida de uma mulher, e do seu marido, agitados pelo regresso de uma personagem que mantém com eles o liame involuntário desse segredo sombrio.

Se a gélida Stanwyck, impecavelmente vestida por Edith Head, é aqui a presença manipuladora que dá título ao filme, o facto a registar é que um jovem Kirk Douglas se impõe como a revelação: na pele do marido de Martha Ivers, o futuro gigante de Hollywood estreava-se no grande ecrã com um misto de desalento, temor e impulso no rosto, a ensaiar o seu prodigioso modo expansivo. Tudo graças a uma amiga chamada Lauren Bacall, que o recomendou para o papel.

INÊS N. LOURENÇO

AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD

Michael Curtiz e William Keighley
Cinemateca

As sessões da Esplanada da Cinemateca vão reavivando a sedução de um modo de espetáculo que não dependia de "temas" ou "efeitos especiais", mas sim da pureza mitológica de personagens e atores. Para o compreender, veja-se ou reveja-se o imponderável Errol Flynn a defender a liberdade da Floresta de Sherwood, com Lady Marian, aliás, Olivia de Havilland a seu lado — foi em 1938 (sábado, 21.30).

JOÃO LOPES

AINDA TEMOS O AMANHÃ

Paola Cortellesi
Videoclubes

A *commedia all'italiana* misturada com melodrama com mensagem ativista. Eis o segredo deste sucesso imenso do cinema italiano (mesmo em Portugal supera as expectativas), a estreia na realização da atriz Paola Cortellesi que relata uma família de Roma, no pós-guerra, marcada pela violência doméstica de um marido monstruoso. Tem uma das mais conseguidas reviravoltas finais em anos! Para ver mesmo em família...

RUI PEDRO TENDINHA

A CONDESSA DESCALÇA

Joseph L. Mankiewicz
Cinema Nimas

A grandeza dos filmes de Joseph L. Mankiewicz sempre começou nos argumentos assinados pelo próprio. Exemplo disso, este fabuloso *The Barefoot Contessa* (1954) não poderia ser mais completo: aqui, a história da ascensão e queda de uma atriz dá matéria e beleza reverberante à dissecação dos mitos do cinema. Um dos momentos mais memoráveis do mito ele mesmo Ava Gardner, com a ajuda de Humphrey Bogart. Domingo, 21.30. I.N.L.

BUFFALO 66

Vincent Gallo
Cinemateca

Inserido no ciclo *Que Farei Eu Com Esta Espada*, passa dia 21 o filme de estreia de Vincent Gallo atrás das câmaras, um objeto de culto sobre um homem que rapta uma jovem para que ela finja ser sua namorada num encontro com os pais. Um filme assombroso que marcou uma ideia de cinema independente americano nos Anos 1990 e onde tudo parecia bater certo, da pose ao trabalho dos atores, em especial o de Christina Ricci. R.P.T.

I MAY DESTROY YOU

Michaela Coel
Max

Criada e protagonizada pela brilhante Michaela Coel, esta minissérie britânica de 2020, com chancela da BBC, continua a ser um dos exemplos mais admiráveis de uma ficção capaz de enfrentar temas realmente fraturantes – da perceção social da cor da pele até às agressões sexuais – através de um dispositivo narrativo capaz de superar *clichés* dramáticos e moralistas. São 12 episódios de meia hora. J.L.

LE MONDE ANIMÉ DE GRIMAULT

Paul Grimault
Netflix

No meio da abundância de novidades mais ou menos insignificantes que todas as semanas recheiam os catálogos de *streaming*, é bom saber que ainda há espaço para as pequenas pérolas que "ninguém vê". Entre elas, as curtas-metragens de animação de Paul Grimault (1905-1994) – agora reunidas neste título que as alinhou em série – oferecem o prazer da criatividade poética. Algumas até são escritas por Jacques Prévert... I.N.L.

MAIS QUE NUNCA

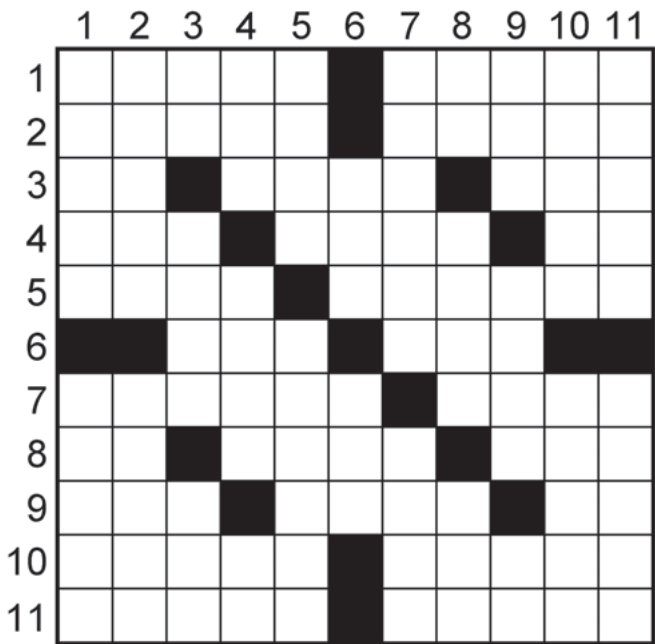
Emily Atef
Cinemas

Caída do céu, eis uma daquelas estreias que tenta resistir à apatia consumista destes tempos, quanto mais não seja porque escapa ao lugar-comum do "filme de verão". A relação de Hélène e Mathieu – Vicky Krieps e Gaspard Ulliel, ambos admiráveis – apresenta-se como uma história de amor virada do avesso, num turbilhão de acontecimentos minimalistas em que física e metafísica se baralham, amorosamente. J.L.

ALIENS - O RECONTRO FINAL

James Cameron
Disney +

O melhor filme da saga Alien não é o novo *Alien: Romulus*, mesmo com a sua excelência *retro*, mas sim *Aliens*, o suspense bélico de Cameron que reconfigurou a estética *sci-fi* nos anos 80. Uma evidência que pode ser confirmada na Disney +, plataforma que tem todos os filmes do monstro viscoso. Neste, temos a talentosa Ripley a combater extraterrestres com marines. Sigourney Weaver genial num filme onde não se respira... R.P.T.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: **1.** Apupar. Dólmenes. **2.** A que lugar. Chalaça (popular). **3.** Grosa (abreviatura). Parte do templo destinada aos fiéis. Decifrar. **4.** Abreviatura de *et cetera*. Tecido forte de linho grosso. Gálio (símbolo químico). **5.** Em maior quantidade. Danar. **6.** Senão. Pessoa. **7.** Espécie de diário *online*. Luz da Lua. **8.** Suspiro. Recurso (figurado). Altar. **9.** Telefonia sem fios. Alvéolo de cera ou conjunto de alvéolos em que as abelhas depositam o mel. Interjeição utilizada para chamar a atenção ou para cumprimentar. **10.** Jornada. Acerta. **11.** Ócio. Limpar, banhando em líquido.

Verticais: **1.** Fruto deiscente das leguminosas. Pequeno barco. **2.** Grande artéria. Ementa. **3.** Prefixo (negação). A parte superior das coisas. Realiza. **4.** Molécula portadora da informação hereditária. História longa. Parlamento Europeu. **5.** Que não é imaginário. Praticar *surf*. **6.** Produção de sons emitidos pelo aparelho fonador. Ave pernalta corredora. **7.** Somente. Aprovação (figurado). **8.** Níquel (símbolo químico). Círculo. Base aérea portuguesa. **9.** Um certo. Guindaste. Numeração romana (4). **10.** Casa térrea onde se guarda o vinho e outras provisões. Campo de liça. **11.** Curar. Despontar no horizonte.

SUDOKU

	6	7			2			4
2				4		7		
		3			1	5		
	5			9		6		
				2			3	
7		6	1					9
4					6			2
	3	9		5			7	
8			4		3	9	5	

SOLUÇÕES

5	6	7	3	8	2	1	9	4
2	1	8	5	4	9	7	6	3
9	4	3	7	6	1	5	2	8
3	5	2	8	9	4	6	1	7
1	9	4	6	2	7	8	3	5
7	8	6	1	3	5	2	4	9
4	7	5	9	1	6	3	8	2
6	3	9	2	5	8	4	7	1
8	2	1	4	7	3	9	5	6

Palavras Cruzadas

Horizontais:
1. Vaiar. Antas. 2. Aonde. Piada. 3. Gr. Nave. Ler. 4. Etc. Lona. Ga. 5. Mais. Zangar. 6. Mas. Ser. 7. Blogue. Luar. 8. Ai. Arma. Ara. 9. TSF. Favo. Ei. 10. Etapa. Atina. 11. Lazer. Lavar.

Verticais:
1. Vagem. Batel. 2. Aorta. Lista. 3. In. Cimo. Faz. 4. ADN. Saga. PE. 5. Real. Surfar. 6. Voz. Ema. 7. Apenas. Aval. 8. Ni. Anel. Ota. 9. Tal. Grua. IV. 10. Adega. Arena. 11. Sarar. Raiar.

O restaurante está num edifício situado no meio do Jardim de Paço d'Arcos.

Sabores portugueses num jardim à beira mar plantado

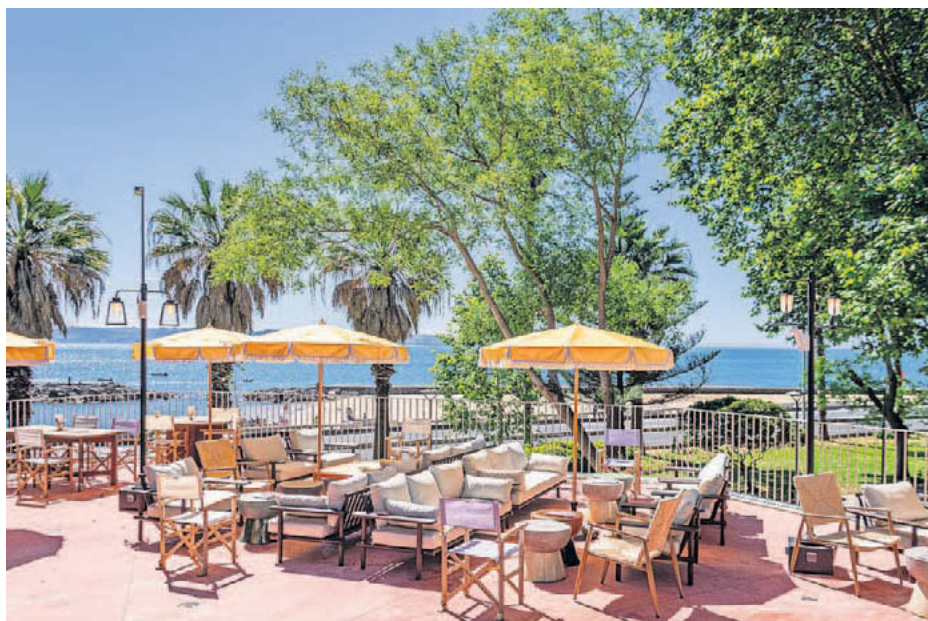
GASTRONOMIA O restaurante Madrasta abriu há uns meses no meio do Jardim de Paço d'Arcos. Uma carta "democrática" com comida para (quase) todos os gostos.

TEXTO **FILIPE GIL**

Almoços de família, petiscos ao final da tarde ou jantares tardios, tudo isto é possível no restaurante Madrasta que há poucos meses abriu no centro do Jardim Municipal de Paço d'Arcos.

A ideia de quem idealizou o restaurante, que pertence ao grupo Non Basta, foi a de criar uma carta com vários, muitos, dos pratos clássicos que há décadas fazem parte da cultura gastronómica portuguesa. Iguarias que vão, entre outras, do Prego do lombo às Amêijoas à Bulhão Pato, dos Filetes de pescada ao Bitoque.

A responsabilidade do que chega às mesas é do *chef* Sérgio Carola que consegue inovar em alguns clássicos sem "estragar" a expectativa de quem bem os conhece. "A ideia de uma carta democrática ajudou-nos a pensar em propostas que abrangessem os mais diferentes públicos", explica o *chef* no documento de apresentação do restaurante. Nem mais. O foco do Madrasta parece ser mesmo a comida, é um restaurante sem conceito – o que, por si só, é bastante positivo.

Na visita que o DN fez ao espaço, à hora de jantar, havia poucas mesas disponíveis – a capacidade é de 270 lugares divididos por duas salas e uma esplanada, e mais um *rooftop* dedicado às bebidas, comida mais ligeira e a alguns eventos sociais.

No final de tarde da visita, estavam no local alguns grupos de amigos, casais e sobretudo famílias – o espaço exterior no meio de um jardim ajuda a distrair os mais pequenos –, que enchiam o restaurante sem grandes confusões ou demasiado barulho, o que por vezes acontece em restaurantes com maior dimensão.

A destacar o número de empregados de mesa, sem contar cabeças, deu para perceber que são mais do que suficientes para atender aos pedidos com rapidez.

Antes de a comida chegar à mesa, vieram os *cocktails* da responsabilidade do *bartender* executivo do grupo Non Basta, Duarte Cardeira. Por esta altura do ano, explicaram, a aposta do Madrasta são os vermutes. E por isso foram servidos o *cocktail* Soberbo, feito com vermute português da Quinta de Poças (6 euros) e o Belsazar Red (7 euros), com vermute, claro.

A escolha do vinho para acompanhar os vários pratos que se seguiram foi da responsabilidade do *sommelier* residente do Madrasta, Nuno Pereira. No misto de pratos de peixe, marisco e carne, a escolha recaiu num Monte da Raposeira Grande Reserva, branco Alentejano da casta Chardonnay (39 euros), e cumpriu o seu dever na harmonização com as várias tipologias do que foi servido.

As entradas, escolhidas pelo *chef*, foram duas – e por opção do jornalista ainda acompanhadas pelos *cocktails*. Ovos rotos trufados com presunto de bolota (18 euros), uma das entradas que indicaram ser das mais pedidas na recente vida do Madrasta, mas que devia ter menos trufa, para melhor equilíbrio dos sabores, e o Cachorro de lavagante com maionese de *chipotle* (23 euros), uma boa surpresa.

Uma das entradas: Cachorro de lavagante com maionese de *chipotle*. Dois pratos de arroz com destaque, o Arroz cremoso de lavagante (*na foto*) e o Arroz de limão.

O *rooftop* com vista para o mar e com uma carta de *cocktails* específica.

Os arrozes do Madrasta

Já com o vinho a acompanhar, chegaram os pratos. A escolha do *chef* recaiu nos arrozes da casa. Um Arroz cremoso de Lavagante (24 euros) e um Arroz de limão com peixe do dia e amêijoas (22 euros) são boas opções. O Lavagante com um sabor mais carregado picante e guloso, já o arroz de limão com maior leveza a deixar o peixe brilhar.

Para finalizar, antes da sobremesa, chegou à mesa um clássico, o que é sempre a melhor opção para perceber como o *chef* trata a matéria-prima disponível. O Bife do lombo à Madrasta com batatas fritas e com a carne no ponto certo (25 euros) deu boa nota da qualidade dos ingredientes.

Para terminar, a sobremesa a acompanhar o café *espresso*. Há várias opções na carta, desde um Tiramisú à Madrasta (8 euros), *Croissant* Abade de Priscos (6 euros) ou o Bolo de chocolate de três texturas (8 euros). Cumprem, mas sem grande destaque.

Há que indicar ainda que a vasta carta do restaurante (talvez em demasia, o que não ajuda no momento da escolha) não se fica pelos clássicos acima descritos, há pratos de pasta, lasanhas e *pizzas* de fermentação lenta.

Podem existir vários adjetivos para classificar o Madrasta, talvez o melhor seja o mais simples: qualidade acima da média em muitos pratos ao gosto da maioria dos portugueses. A boa localização e a arquitetura de interiores fazem o resto.

Diario de Noticias

A FESTA DE HOJE NO COLISEU

Uma noite de pura arte digna de inscrever-se em letras de ouro nos anais gloriosos das melhores paginas da Caridade

A CATASTROFE FERRO-VIARIA

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 16 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira

OLIVEIRA MARTINS E O ENSINO NACIONAL

«Enquanto não houver uma escola normal superior, não haverá professorado para os liceus. Parece que se pensou em transformar numa escola desse genero o Curso Superior de Letras, e sem duvida alguma era esse o destino util que se lhe podia dar».

Assim se exprime o insigne publicista e poderoso escritor que foi Oliveira Martins, num artigo inserto no «Reporter» em meados de 1888.

Já dissemos noutro artigo que Oliveira Martins se ocupou de questões de ensino, como era natural num espirito tão penetrante, e que sabia medir o alcance social destas questões. Esses artigos constituem um grupo, e não dos menos interessantes, dos seus «Dispersos», de que já estão dois volumes publicados e um terceiro em preparação.

E já agora seja-nos licita uma recordação pessoal. Conhecendo Oliveira Martins, desde 1886, se a memoria nos não trai, foi precisamente a proposito de um artigo nosso que era um capitulo de pedagogia especulativa, e que saiu na «Revista de Portugal» em 1892, que as nossas relações se estreitaram, tendo recebido então uma carta do mestre, que conservamos religiosamente, e que é um documento capital para a biografia moral do autor. Um dia a publicaremos, porque ela explica a evolução do espirito de Oliveira Martins nos dois anos que precedem a sua morte.

No passo que transcrevemos estão implicitas varias afirmações. A primeira é que a carreira do professorado secundario exige uma preparação, verdade já reconhecida na lei para o professorado primario desde 1835, data da criação do nosso ensino normal primario. Esta lei não chegou a ter execução. Era obra do Visconde de Seabra e foi substituida imediatamente por outra talvez menos perfeita, a de 1836, devida a Passos Manuel.

A segunda afirmação concretiza e formula o pensamento reformador, em germen no cerebro de Jaime Monís, desde 1855, pelo menos, e que devia ter a sua expressão na lei de 1901, a que nos referiremos no seu lugar. Esta lei fazia do antigo Curso Superior de Letras uma escola normal superior para professores de letras.

Finalmente, Oliveira Martins acha que a transformação anunciada correspondia ao destino «util» que devia dar-se á criação de D. Pedro V.

Não era essa a opinião do Rei, que pretendia, com a sua criação pedagogica, lançar os fundamentos de uma Faculdade de Letras, isto é, um foco de alta cultura literaria desinteressada.

Se lançarmos os olhos pela variada multiplicidade dos institutos de alta cultura dos grandes países modernos, não podemos deixar de reconhecer que era o Rei quem tinha razão contra o publicista.

O utilitarismo tecnico de civilizações como a francesa, inglesa, alemã e norte-americana, não impediu países, que vão na frente do movimento moderno, de promover a cultura das grandes e fecundas inutilidades. Quasi ao acaso, citaremos só em Paris os seguintes institutos de sciencia pura, especulativa ou de alta curiosidade: Faculdade de Sciencias, Faculdade de Letras, Escola Normal Superior (só tem de normal o nome), Colegio de França, Escola Pratica de Altos Estudos, Escola Nacional das Cartas, Escola de Altos Estudos Urbanos, Instituto Catolico, Faculdade Livre de Teologia Protestante, Escola Livre de Sciencias Politicas, Escola Inter-aliada de Altos Estudos Sociais, Instituto de Estudos Slavos. E fiquemos por aqui.

O pobre Curso Superior de Letras, de memoria tão brilhante e que contou no seu seio homens como Adolfo Coelho, que introduziu em Portugal a linguistica moderna, a glotologia comparada, os estudos pedagogicos, a sciencia do folclore e tantos outros ramos de cultura de que nem o nome se conhecia entre nós; Teófilo Braga, que na primeira fase da sua actividade abriu horizontes novos á nossa historiografia literaria; Jaime Monís, o maior reformador do ensino do periodo constitucional; uma casa donde irradiou um tão poderoso movimento de ideias, considerava-a um homem da pujante inteligencia de Oliveira Martins como uma instituição a que era necessario dar um destino «util».

O grande escritor, com o seu saber tão extenso e requintado, não pôde vencer a forte corrente que entre nós se opôs, durante seculos, á organização de um ensino superior filologico, historico e filosofico.

Adolfo Coelho, no prefacio da tão sugestiva monografia em que fez a historia do antigo Curso Superior de Letras (1900), pormenoriza as causas que determinaram a não constituição, entre nós, daquele ensino, na sua forma superior.

Daremos, oportunamente, uma ideia rapida das conclusões do grande sabio e professor, no que elas interessam o assunto de que nos ocupamos. Com efeito, a preparação de professores de letras dos nossos liceus exigia implicitamente a existencia de um ensino literario superior. E, assim, a grande organização do ensino secundario de 1895 tinha como consequencia a criação do nosso ensino normal superior, e este como condição prévia a preexistencia de um ensino literario não elementar, que tinha como seu unico representante o instituto devido á iniciativa previdente de um dos maiores soberanos de que pode orgulhar-se a Nação Portuguesa.

MANUEL RAMOS.

Telef. — 365, 534, 2446 e 5310

Director — AUGU…

A FESTA DE HOJE NO COLISEU

Uma noite de pura arte digna de inscrever-se em letras de ouro nos anais gloriosos das melhores paginas da Caridade

Numeros de canto pelas eximias artistas Cacilda Ortigão, Tagide Tavares, Corina Freire, Georgina Cardoso dos Santos, Auzenda de Oliveira e Beatriz Baptista

Uma grande orquestra sinfonica constituida pelos melhores musicos portugueses, sob a regencia dos maestros Fernandes Fão, Pedro Blanch e Rui Coelho

D. Corina Freire, D. Clotilde Ortigão, D. Auzenda de Oliveira, D. Tagide Tavares, D. Georgina Cordeiro, Varela Cid, Rui Coelho, Fernandes Fão, D. Beatriz Baptista, Pedro Blanch, Alvaro Santos, Xavier Roque, Luis Gomes, Ricardo Covões e Sales Ribeiro

Kamala e Biden juntos em campanha

Joe Biden e Kamala Harris deram ontem um sinal de união ao realizarem o seu primeiro evento público conjunto desde que Harris substituiu o presidente como candidata democrata nas eleições de novembro. Gritos de "Obrigado, Joe!" soaram na plateia de uma faculdade comunitária em Maryland, perto de Washington, mas a maior estrela foi a vice-presidente de Biden, que está a avançar nas sondagens contra Donald Trump. "Ela pode ser uma ótima presidente", disse Biden sobre Harris.

DREW ANGERER / AFP

Brasil e Colômbia falam em novas eleições na Venezuela

IMPASSE Sugestão do presidente brasileiro, que falou ao telefone com homólogo americano, foi rejeitada pela líder da oposição democrática, em Caracas.

O presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, avançou ontem com a ideia de realizar novas eleições na Venezuela para sair do impassa político neste país, isto se não for possível fazer um Governo de coligação entre Nicolás Maduro e as forças opositoras. A ideia terá sido referida num telefonema ocorrido com o homólogo norte-americano, Joe Biden, e, publicamente, foi mencionada, numa entrevista à Rádio T.

Do lado dos EUA, no entanto a ideia não tem apoio formal. Ainda que num primeiro momento Bide tenha respondido a um jornalista da AFP com um "Concordo", quando questionado sobre o assunto, a assessoria de imprensa da Casa Branca veio depois corrigir, afirmando que presidente dos EUA não tinha entendido bem a questão. A posição americana, dizem, mantém-se: o candidato da oposição na Venezuela obteve "mais votos".

O presidente norte-americano "mencionou a posição absurda do [presidente cessante Nicolás] Maduro", que "não é honesto" sobre o resultado das contestadas Eleições Presidenciais de 28 de julho, garantiu um porta-voz da Casa Branca.

Também o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, afirmou não ver como "prudente" pedir agora novas eleições na Venezuela.

Já o presidente colombiano, Gustavo Petro, sugeriu para a Venezuela uma "frente nacional", como a que existiu na Colômbia no século XX, em que liberais e conservadores se revezavam no poder, como um passo "transitório" para uma "solução definitiva" para a atual crise política, numa ideia semelhante à sugerida por Lula sobre um Governo de coligação. Ou novas eleições.

Mas a líder da oposição, Maria Corina Machado, disse poucas horas depois que se opõe à ideia de novas eleições.

Entretanto, o regime de Nicolás Maduro continua as suas ações que, segundo os críticos, têm como objetivo silenciar os seus opositores. Ontem, o Parlamento da Venezuela aprovou uma lei para regular as Organizações Não Governamentais como uma "fachada para o financiamento de ações terroristas". **DN/LUSA/AFP**

BREVES

Médicos entre 5 acusados da morte de Matthew Perry

Cinco pessoas foram acusadas de ligação à morte do ator norte-americano Matthew Perry, em 2023, provocada por uma *overdose* de cetamina, incluindo o assistente e dois médicos, anunciou ontem um representante do Ministério Público. De acordo com o procurador Martin Estrada, os médicos foram acusados de terem fornecido a Perry uma grande quantidade de cetamina, e "até perguntaram numa mensagem de texto" quanto é que a antiga estrela de *Friends* estaria disposta a pagar. "Estes arguidos aproveitaram-se dos problemas de dependência de substâncias do senhor Perry para enriquecerem. Eles sabiam que o que estavam a fazer era errado", afirmou Estrada. Matthew Perry morreu em outubro de 2023 devido a uma *overdose* de cetamina – um poderoso anestésico por vezes utilizado para tratar depressão – e recebeu várias injeções da droga no dia em que morreu, dadas pelo seu assistente pessoal que vivia com ele.

SC Braga vence e está mais perto da Liga Europa

O Sporting de Braga qualificou-se para o *play-off* da Liga Europa de futebol, ao vencer ontem por 2-1 no terreno do Servette, na estreia de Carlos Carvalhal, depois do 0-0 no Minho. O marroquino El Ouazzani, aos 45+1 minutos, e o espanhol Roberto Fernández, aos 69, marcaram os golos da formação portuguesa na terceira pré-eliminatória, enquanto Dereck Kutesa reduziu, já em tempo de descontos, aos 90+2, sem evitar a estreia vitoriosa de Carvalhal, que sucedeu no comando técnico dos bracarenses a Daniel Sousa. Os minhotos vão disputar o acesso à fase de liga da segunda competição da UEFA frente aos austríacos do Rapid Viena, que voltou a vencer em casa o Trabzonspor, por 2-0, depois da vitória na Turquia, por 1-0. O Sporting de Braga que já tinha superado os israelitas do Maccabi Petah Tikva, na segunda pré-eliminatória, vai receber o Rapid no dia 22, deslocando-se à capital austríaca sete dias depois, no dia 29. Também ontem, o V. Guimarães venceu em casa o Zurique por 2-0, na 3.ª eliminatória de acesso à Liga Conferência. Na 1.ª mão, os vimaranenses já haviam ganho por 3-0.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

5 605290 123023
56729